

Ermelinda A. Paz

Sôdade do Cordão



Fundação Universitária
José Bonifácio

Créditos

© 2000 - Copyright by Ermelinda A. Paz

Foi feito o dispositivo legal na Biblioteca Nacional.

Todos os direitos reservados.

Edição de texto: *Lígia Vassalo*

Revisão de texto: *Cecília Viveiros de Castro*

Digitação: *Marcia Trigueiros*

Cópias Musicais: *Ermelinda Emma Couto*

Figurinos de 1987 Maria Carmen Alves Pereira de Souza

Os figurinos de Maria Carmen foram inspirados nas Aquarelas de Di Cavalcanti, mediante autorização da cessionária dos direitos autorais, Dalila Luciana.

Fotografias dos figurinos de Maria Carmen: *Ricardo Behring*

Projeto Gráfico, diagramação e assessoria à produção: *Eliana Formiga e Moema Mariani*

Reprodução dos jornais: arquivo da *Biblioteca Nacional*

Reprodução dos jornais das páginas 50 e 51: *Jornal O GLOBO*

Reprodução das fotografias: acervo do *Museu Villa-Lobos e Academia Brasileira de Música*

Este livro foi publicado com apoio da Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB) como parte das comemorações de seu Jubileu de Prata.

Paz, Ermelinda A.

P368s Sôdade do cordão / Ermelinda A.

Paz. -- Rio de Janeiro: ELF, 2000.

104 p. il

Inclui partituras

ISBN

1. Carnaval antigo 2. Cordões carnavalescos 3. Músicas carnavalescas

I. Título

CDD 394.26

Oferecimento



Para

A Professora Lúgia Vassalo pelo estímulo para que eu realizasse este trabalho.

A todos aqueles que contribuíram para o enriquecimento deste fornecendo importantes depoimentos, ressaltando, em especial, a pessoa de Sr. Silvio Cecotto.

Os meus pais Pacífico e Ednéa, minha filha Luciana, meu esposo Zanini pela compreensão, carinho e apoio irrestrito em todos os momentos de minha jornada.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Secretaria Municipal de Cultura

Prêmio Carioca de Monografia 1994

Prêmio especial



Sôdade do Cordão

*“O Brasil precisa de educação,
de uma educação que não seja de pássaros
empalhados em museus,
mas de vôos amplos no céu da arte.”*

Heitor Villa-Lobos



Agradecimentos

A publicação das partituras e letras das músicas constantes nesta obra tiveram sua inserção gentilmente autorizada pelos detentores dos direitos autorais, a quem agradecemos:

MANGIONE, FILHOS & CIA. LTDA., por *Aurora* (de Roberto Roberti e Mário Lago), *Jardineira* (de Benedito Lacerda e Humberto Porto), *Mamãe eu quero* (de Vicente Paiva e Jararaca), *Pastorinhas* (de João de Barro e Noel Rosa - 50%);

IRMÃOS VITALE S/A, por *Alá-lá-ô* (de Haroldo Lobo e Nássara), *Desfile dos heróis do Brasil - Senhora Rainha* (música de Heitor Villa-Lobos, letra de Hermínio Bello de Carvalho), *Mal-me-quer* (de Haroldo Lobo e Nássara);

Dr. DALTON VOGELER - ASSOCIAÇÃO DEFENSORA DE DIREITOS AUTORAIS FOTOMECÂNICOS, por *Alá-lá-ô* (de Haroldo Lobo e Nássara), *Canto do pajé* (de Villa-Lobos e Paula Barros), *Hino do carnaval brasileiro* (de Lamartine Babo), *Ó abre alas* (de Chiquinha Gonzaga), *Pastorinhas* (de João de Barro e Noel Rosa - 50%);

HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO, pela poesia de *Senhora Rainha*;

MARIA CARMEN ALVES PEREIRA DE SOUZA, pela reprodução dos figurinos do bloco de 1987;

MUSEU VILLA-LOBOS e ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA pela permissão de divulgar fotografias e partituras pertencentes ao seu acervo;

EQUIPE DO MUSEU VILLA-LOBOS na pessoa de seu Diretor e violonista Turíbio Santos;

ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA por seu Procurador Dr. Henrique Gandelman;

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA JOSÉ BONIFÁCIO na pessoa de seu Presidente Professor Carlos Nilo Gondim Pamplona.



Sumário

	Página
Prefácio	11
Por que Sôdade do Cordão?	13
O carnaval antigo	17
Músicas dos antigos cordões	21
Sôdade do Cordão: 1940	25
Marcha-rancho de 1940	27
Fotos dos ensaios de 1940	28
Reprodução de recortes de jornais de 1940	32
Fotos do desfile de 1940	35
Figuras do Cordão de 1940	54
Figurinos de 1987 - Desenhos de Maria Carmen	57
Sôdade do Cordão: 1987	65
Fotos do desfile de 1987	65
Músicas dos antigos cordões	69
Músicas do desfile de 1987	73
Relação dos participantes de 1987	93
Projeto Centenário de Villa-lobos	97
Bibliografia	99



Prefácio

Foi uma bela surpresa a leitura do Sôdade do Cordão de Ermelinda A. Paz, que perpetua uma experiência única de Heitor Villa-Lobos, que por sua vez pretendia perenizar o espírito verdadeiro do Carnaval Carioca através dos cordões e blocos carnavalescos.

O documento de Ermelinda consegue ao mesmo tempo testemunhar minuciosa e calculadamente todos os passos de Heitor Villa-Lobos na reconstituição do Sôdade e portanto, o espírito reinante no começo do século, e restituir a tremenda emoção que cercou a constituição do Bloco Sôdade do Cordão em 1940 e sua reconstituição em 1987, ano do centenário de nascimento de Heitor Villa-Lobos.

Qualquer atividade carnavalesca levanta um desafio, algumas vezes intransponível. Como organizar uma festa dionisíaca com uma aplicação espartana e uma lógica que poderia exasperar Descartes?

Villa-Lobos, quando abraçou seu destino, de descrever o Brasil utilizando uma orquestra sinfônica como principal veículo de sua obra, já praticava o difícil exercício de descrever o caos dentro de um contexto que é o da orquestra tradicional. De certa forma, Sôdade do Cordão, foi uma sinfonia vivida e não escrita, que Heitor deixou para a posteridade.

Quando a equipe do Museu Villa-Lobos, decidiu em 1987 refazer o Sôdade, todos foram de certa maneira, conduzidos e hipnotizados pelo desejo certo do grande compositor, de preservar para a eternidade o renascimento de sua juventude, do bloco do seu coração!

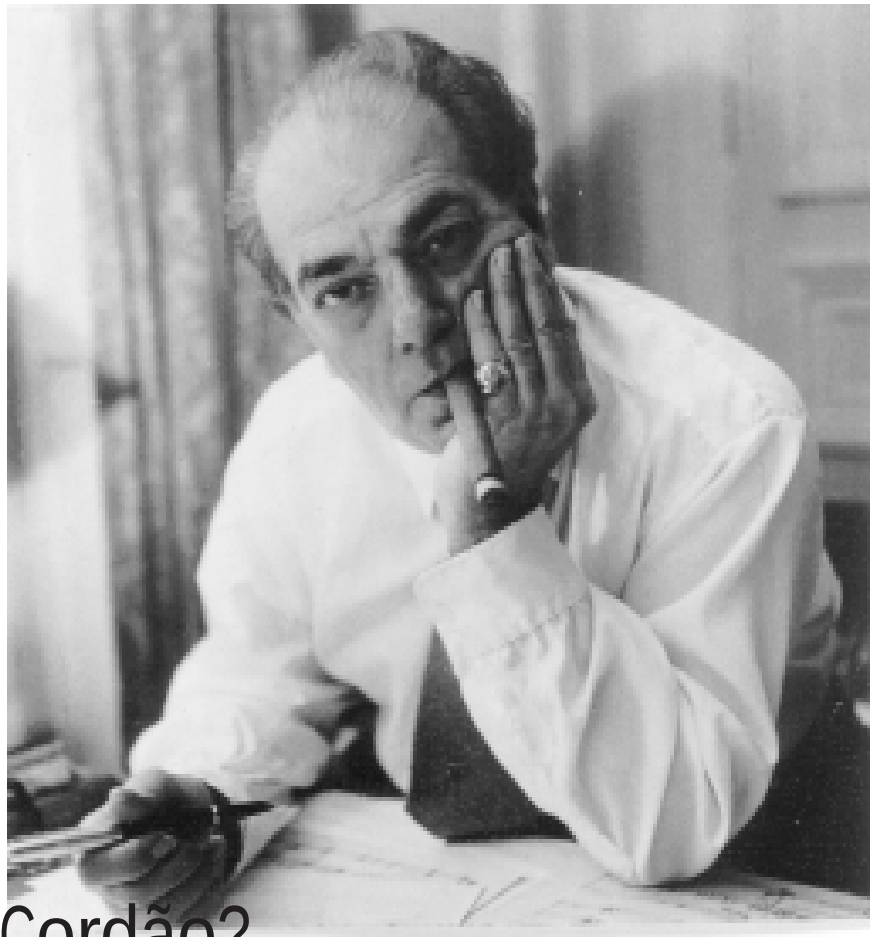
O entusiasmo das pessoas trabalhando e brincando, parecia algum tipo de parceria mágica com o bloco primordial de 1940.

No momento em que desfilamos, no centro da cidade do Rio de Janeiro, os rostos de encantamento e surpresa das pessoas mais idosas eram a saudação suprema ao gênio de Heitor Villa-Lobos. As mesmas pessoas, que esquecendo a idade, invadiam o bloco, retornando por essa máquina do tempo, quarenta anos atrás e ingressando no mundo de sonhos que só a imaginação prodigiosa do povo brasileiro pôde criar.

Ermelinda A. Paz nos presenteia com este livro-testemunho que enriquece sua competente carreira de pesquisadora mas nos devolve a alegria de uma experiência inesquecível: um carnaval em companhia de Heitor Villa-Lobos em pleno 1900!

Turíbio Santos.

Diretor do Museu Villa-Lobos



Por que Sôdade do Cordão?

Tratar de Sôdade do Cordão – assim mesmo, obedecendo à corruptela popular da palavra – é uma maneira de preservar a memória nacional, registrando aspectos do carnaval carioca. Esta festa, como todas as manifestações de arte popular, merece ser resguardada, para que as tradições não se percam. A elas se associa a personalidade de Heitor Villa-Lobos, incansável cultor das coisas brasileiras. Por isso ele idealizou um grupo especial para sair no carnaval de 1940, a que deu o nome de Sôdade do Cordão. Buscava, assim, recuperar as origens desse festejo, tal como ele ocorria no início do século. Talvez uma forma de resgatar as reminiscências da juventude. O grande músico agiu desse modo como uma das maneiras de contribuir para formar o gosto estético do povo brasileiro, a seu ver o único meio de preparar as futuras platéias para os nossos artistas. Ele próprio nos dá seu depoimento, transcrito de obra publicada em 1946:

“Sempre com o intuito de melhor informar e colaborar na educação folclórica nacional, além das pesquisas, colheitas, estudos, seleções, colecionamento e ambientação musical que realizamos, de melodias anônimas de todo o interior do Brasil, desde a melopéia ameríndia, o cântico do negro e do mestiço à cantiga infantil, reconstituímos, no ano de 1940, com imensa dificuldade, a organização completa do antigo cordão carnavalesco, gênero de agremiação recreativo-popular que viveu até fins do século XIX. Com esse trabalho tivemos a intenção de reviver o melhor aspecto típico coreográfico da mais acentuada autoctonia, quer pelo ineditismo e imprevisto dos seus cânticos, danças, indumentárias e cerimoniais pitorescos, como pelas suas rústicas realizações dramáticas, nas quais podia-se verificar não existir imitação à maneira estrangeira, quer no todo, quer em seus mínimos detalhes.

Para tal empreendimento, tivemos que recorrer a elementos que já se achavam afastados da vida ativa, pois alguns deles contavam 90 anos de existência e tinham sido célebres na sua época.

Com o auxílio daqueles antigos personagens, conseguimos elaborar, organizar e realizar um autêntico cordão para o qual foi dado o nome de SÔDADE do Cordão.”

Diversos periódicos se ocuparam desta notícia. Podemos ressaltar o depoimento de Villa-Lobos publicado no jornal *Estado de Minas* de 20/01/1940 e alvo de citação no *Correio do Norte* de 2/02/1940, no *Jornal do Commercio* de 3/02/1940 e, ainda, na *Gazeta de Notícias* de 3/02/1940:

“O ‘SÔDADE do Cordão’ tem por objetivo animar o espírito nacionalista do povo e servir de documentação oficial para o Instituto de Cinema Educativo do Ministério da Educação.”

Este feito de Villa-Lobos provocou o maior interesse e gerou grandes expectativas em torno do carnaval de 1940: foi considerado, como veremos mais

adiante, o evento carnavalesco mais importante do ano. Apesar do sucesso alcançado pelo Sôdade do Cordão, a verdade é que, com exceção dos que participaram da exibição, a realização carnavalesca do nosso grande compositor ficou esquecida por quase 47 anos. Em 1987, ano do centenário do grande maestro, a equipe do Museu Villa-Lobos teve a feliz idéia de reviver o Sôdade do Cordão, em homenagem ao centenário de nascimento do seu patrono.

O interesse despertado pelo Sôdade do Cordão prende-se a um fato importantíssimo: o elo que havia entre Villa-Lobos e os músicos e as manifestações populares. Sempre que se fala neste nosso patrício, fazem-se menções muito superficiais à ligação de Villa-Lobos com os chorões, que ocorreu quando ele era bem jovem ainda, no início de sua carreira. Segundo Aluísio Dias, da Velha Guarda da Mangueira, sempre que Villa-Lobos precisava de músicos populares ou quando alguma personalidade estrangeira estava no Rio de Janeiro, como Aaron Copland, por exemplo, Villa-Lobos os chamava ou então levava os visitantes para o Buraco Quente, onde morava Cartola. O maestro ensinou a usar o diapasão e, desde então, Cartola e Aluísio passaram a só afinar seus instrumentos assim.

“O ‘Sôdade do Cordão’ tem por objetivo animar
o espírito nacionalista do povo e servir de documentação oficial
para o Instituto de Cinema Educativo
do Ministério da Educação.”

Raro é o escritor que menciona os laços do compositor brasileiro com grandes nomes como Anacleto de Medeiros, Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Cartola, Aluísio Dias, Herivelto Martins e muitos outros que, inevitavelmente, já fazem parte da história da música popular brasileira. O número de artigos escritos sobre Villa-Lobos e suas relações com os músicos populares é inferior àqueles que apontam suas falhas humanas e o temperamento intempestivo do maestro. No entanto, não se pode negar que, em escala de importância, as relações do nosso grande compositor com a música popular brasileira têm um peso muito maior para a cultura nacional do que as anedotas que apenas contribuem para caracterizar o

indivíduo Heitor Villa-Lobos. E isso em detrimento de um conhecimento maior e mais aprofundado de uma obra que, pelo seu valor reconhecido internacionalmente, já é uma resposta àqueles que ainda questionam a importância desses músicos, do povo, do país, na formação da personalidade musical de Villa-Lobos.

Com o reconhecimento do valor de suas composições eruditas, as apresentações no exterior, a fama de grande compositor já estabelecida, a vida de Villa-Lobos seguiu caminhos diferentes. Já não havia encontros frequentes com os chorões, os criadores da música popular, como nos tempos da mocidade. Mas, na essência de suas melodias, o maestro nunca se afastou do contato com os artistas que tanto o encantaram no passado. Na sua música há a sonoridade que provém do povo e que ele, visceralmente, buscava.

Suas músicas de inspiração popular cheiram a Sático Bilhar, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, aos chorões, cantadores, seresteiros, e apresentam toda uma temática folclórica. E, como se não bastasse, em 1949, com seus 62 anos de idade, o jovem Villa-Lobos compõe o *Samba Clássico*, prestando uma homenagem e dedicando-o aos compositores populares.

Queremos ressaltar apenas um dos muitos aspectos e feitos de Villa-Lobos nesta área, um Villa-Lobos não tão conhecido, mas muito vivo e autêntico. Por isso relembremos o carnaval antigo, pois ele serviu de base para o SÔDADE do Cordão de 1940. Que, por sua vez, serviu de base à versão de 1987... Desses eventos, resgatamos vários documentos que apresentamos ao longo do texto. São as letras das músicas cantadas e suas partituras, são as máscaras e os figurinos de 1987 criados por Maria Carmen.

Mergulhemos, agora, nas diferentes fases do carnaval carioca, associando-o à ótica de Villa-Lobos.



O carnaval antigo

Não é nosso objetivo historiar os primórdios do carnaval carioca, as origens e evolução da grande festa popular, porque já foram minuciosamente estudadas por Edigar de Alencar, autor de uma verdadeira enciclopédia sobre o assunto. O mesmo tema foi abordado por especialistas como Eneida, Wilson Lousada, Mariza Lira, Jota Efegê e João do Rio. Todavia, é importante recordar os costumes dos antigos carnavais, com os animados cordões tão apreciados pelo jovem Villa-Lobos, antes de falar no grupo de foliões que ele organizou. Jota Efegê nos fala de antigamente no seu livro sobre o Ameno Resedá:

“O Carnaval Carioca, no princípio deste século, já começava a renunciar às práticas do entrudo. Repudiava o estúpido lançamento de baldes de água, o arremesso de punhados de farinha de trigo, de limões cheios de líquidos nem sempre odorosos, e buscava novos divertimentos. [...] Surgiam, então, pouco depois, os conjuntos denominados Zé Pereira, de criação atribuída a um português de nome José Nogueira de Azevedo Paredes,

e que reunia alguns homens forçados a martelar incessantemente bombos enormes fazendo barulho ensurdecador. O Zé Pereira evoluiu para os cordões propriamente ditos (pois essa denominação servia, também, para designar qualquer grupo carnavalesco).”

Ameno Resedá, Teimosos da Chama, Dália de Ouro Flor de São Lourenço, Rosa de Ouro Teimosos da Gamboa, Flor do Abacate Arrepiados, Recreio da Flores

À frente do desfile havia o abre-alas. Era constituído de grupos de índios que, em grande número e com evoluções imitativas dos nossos selvagens, sopravam chifres de boi como cornetas, produzindo silvos e inventando palavras para imitar o linguajar dos silvícolas. Arcos e flechas completavam a ilusão carnavalesca. As armas indígenas eram empunhadas como se, com elas, os falsos índios fossem atacar o povo.

Depois do abre-alas, vinha o ponto alto dos cordões – o estandarte. Considerado como símbolo, a bandeira que particularizava cada cordão, o estandarte era confeccionado com luxo e criatividade. Bordados à mão ou pintados com capricho, os estandartes tinham tanta importância no carnaval da época que eram exibidos nos balcões de jornais, bem antes do período de Momo. O *Jornal do Brasil* e a *Gazeta de Notícias* estimulavam a criatividade dos carnavalescos, concedendo prêmios aos cordões que apresentassem os estandartes mais bonitos, ricos e originais.

Mascarados e usando fantasias, os carnavalescos do cordão constituíam uma massa heterogênea em que palhaços, diabos, baianas, caveiras, clóvis se misturavam com príncipes, princesas e velhos usando enormes máscaras. Raramente via-se alguém sem fantasia. Os automóveis rodavam com as portas abertas, para que se jogassem as serpentinas. Havia muito confete e a lança-perfume era o ponto alto. O carnaval durava três dias, desde as 22 horas de sábado até as 24 horas em ponto de terça-feira, pois fora desse prazo o folião arriscava-se a ser preso. Cada grupo carna-

valesco compunha-se em média de 200 a 250 participantes e cantava músicas mais lentas e cadenciadas do que as de hoje.

A figura do velho era de grande importância no cordão. Pretos ou brancos, eles constituíam uma atração comparável aos destaques das escolas de samba de hoje. Apoiados em grandes cajados, exibiam-se em evoluções, caminhando com dificuldade como se carregassem realmente o peso dos anos. A dança dos velhos, com seus passos e volteios chamados de letras, era considerada um ponto importante para o sucesso dos cordões. Havia um verdadeiro confronto entre tais personagens. E o aplauso popular consagrava os que melhor desempenhavam esta função carnavalesca. A complicada coreografia dos velhos, muitas vezes demorando mais de meia hora, a técnica e o virtuosismo demonstrados em suas letras, contribuíam para que os cordões em que se apresentavam fossem vencedores da preferência popular. Os cordões eram dirigidos por um mestre ou chefe que comandava o grupo usando um apito.

Ameno Resedá, Teimosos da Chama, Dália de Ouro
Flor de São Lourenço, Rosa de Ouro
Teimosos da Gamboa, Flor do Abacate
Arrepiados, Recreio da Flores

A grande era dos cordões foi o início do século XX. Em 1902 formaram-se tantos, que só nesse ano a polícia licenciou mais de duzentos. Nesse ano nasceram os Teimosos da Chama e o Grêmio Carnavalesco Dália de Ouro. Em 1905, aumentou de tal modo o número de cordões que o jornal *O País* declarou que mesmo que nenhum clube saísse à rua, mesmo que não houvesse passeata das grandes sociedades, só o desfile dos cordões já seria garantia de um carnaval magnífico. Em 1906, a *Gazeta de Notícias* promoveu o primeiro concurso entre os cordões: o mais luxuosamente trajado ganharia o primeiro prêmio, um rico estandarte, e o segundo lugar seria para o mais original: “Uma menção honrosa em artística bandeira”. Foi tão grande o número de concorrentes que a *Gazeta* se viu obrigada a desdobrar os prêmios: dois estandartes e várias menções honrosas.

Os cordões foram os iniciadores do carnaval carioca com cantiga específica, embora privativa de cada grupo. De acordo com Edigar de Alencar, que se baseia em informações de Mariza Lira, já em 1885 o cordão Flor de São Lourenço aparece nas ruas cantando música própria. Estes cantos, todavia, não transpunham os limites do grupo que os entoava, deles não tomando conhecimento o povo. Eram músicas particulares, como eram, até determinado tempo atrás, os samba-enredos, não sendo, por essa razão, tomadas como músicas carnavalescas. A música de Chiquinha Gonzaga intitulada *Cordão Rosa de Ouro* e composta, ao que consta, por solicitação do referido grupo carnavalesco, foi sucesso em 1899. Ela figura como a primeira composição especialmente escrita para o carnaval carioca.

Edigar de Alencar, que baseou seu trabalho em séria pesquisa em arquivos, jornais, revistas e consultas a pessoas, atesta que por muito tempo foram cantadas no carnaval do Rio de Janeiro músicas sem qualquer sentido carnavalesco: cantigas de roda, hinos de guerra, canções folclóricas, trechos de ópera, árias de operetas e até fados líricos... Costumavam exaltar, nas suas músicas, o tipo de beleza da mulher brasileira representado pela morena. Além da morena, os temas das músicas cantadas pelos cordões em seus desfiles mostravam as poesias mais românticas e singelas, passando pelos rouxinóis e pela rosa. Iam até o chorar das desgraças nacionais, caricaturando ou enaltecendo os acontecimentos pátrios.

Muitas vezes os ânimos se exaltavam quando os blocos se cruzavam, pois o cordão era briguento e arruaceiro, reunindo entre seus componentes famosos capoeiras. Por isso, em 1907, a Polícia Federal proibiu a saída de dois deles, Teimosos da Gamboa e Teimosos da Chama, já que a rivalidade entre ambos gerava conflitos incontáveis. A violência trouxe consequências sérias: com o intuito louvável de evitar os conflitos entre os cordões e grupos carnavalescos nas competições de rua, foram postas em prática medidas policiais que tiveram efeitos contrários à existência dos cordões. Desse modo, eles ficavam impedidos de se encontrar, o que era um dos objetivos primeiros da manifestação.

Cordão "Guerreiros de São Diogo"

1914 - Bairro da Praça XI
(Cidade Nova)

Di-zem que o pre - - to é lu - - - to que o bran - co é paz
que o en - car - na - do é guer - - - ra guer - - rei - ros quan - do
sai a ru - - - a com pan - - ca - - da - ri - - - a faz tre -
- mer a ter - - - ra guer - - ter-ra

Música dos antigos cordões
carnavalescos cantada pelo
Sr. Silvio Cecotto e grafada pela
autora.
Cordão "Guerreiros de São Diogo"

1916/7 - Bairro da Saúde

Música dos antigos cordões
carnavalescos cantada pelo Sr. Silvio
Cecotto e grafada pela autora.
Cordão “Estrela do Brasil”

Em 1911 desaparecem os cordões, surgindo em seu lugar os ranchos. Eles deram nova feição ao carnaval carioca, cabendo a primazia da transformação ao Ameno Resedá e ao Flor do Abacate. O Ameno Resedá veio a ser considerado, mais tarde, como um marco na história do carnaval brasileiro. Ao ser fundado, pretendia criar uma novidade no carnaval da Cidade Maravilhosa. Por isso, seus organizadores atentaram para que a renovação a ser feita tivesse qualidades artísticas em todos os seus aspectos, sem desprezar o sentido popular intuitivo. Mesmo sem tentar erudição, a realização deveria ser esmerada e de bom gosto, para agradar o mais possível. O rancho acabou sendo uma escola onde se pudesse aprender novas maneiras de formar um cortejo e constituir um préstito. Ensinar a juntar roupagens, alegorias plásticas, luzes e musicalidade para obter um espetáculo deslumbrante.

Ameno Resedá, Teimosos da Chama
Dália de Ouro, Flor de São Lourenço
Rosa de Ouro, Teimosos da Gamboa, Flor do
Abacate, Arrepiados, Recreio da Flores

Com este objetivo, a nova sociedade procurou trazer para seu quadro grande número de carnavalescos conhecidos que, junto aos entusiasmados componentes fundadores, contribuíram para a merecida fama do Ameno Resedá. Para se ter uma idéia do que ela conseguiu, basta dizer que músicos categorizados como Zé do Cavaquinho (José da Silva Rabello); Quincas Laranjeiras (José da Conceição), excelente violonista e exímio chorão; Henrique Martins (ex-trombonista da Orquestra do Teatro Municipal) e os pistonistas da Banda do Corpo de Bombeiros, dirigida pelo maestro Anacleto de Medeiros, participavam gratuitamente dos ensaios e dos desfiles do rancho. Assim, muitos músicos de renome foram atraídos pela sociedade, como José Barbosa da Silva, o popularíssimo Sinhô, cognominado o Rei do Samba, que fez parte da orquestra do Ameno Resedá tocando flauta e violão.

Mas em 1940 os ranchos estavam no ocaso. Os poucos que persistiam apenas mantinham viva a tradição. Não mais constituíam a atração que,

de 1910 a 1930, foi estimulada por grupos como o Ameno Resedá, o Flor do Abacate, o Arrepiados, o Recreio das Flores e tantos outros. Em seu lugar, as escolas de samba evoluíram, numerosas. Havia deixado de ser os simples blocos, grupos ou embaixadas com as baianas gingando na batida dos tambores, pandeiros e cuícas.

Ninguém mais se recordava dos cordões como foram retratados anteriormente. Eles passaram a existir no arquivo da memória popular, na lembrança daqueles que os viveram ou assistiram seus desfiles na primeira década do século. Daí a idéia de Villa-Lobos de restabelecer, em 1940, um cordão desse tipo.



Sôdade do Cordão: 1940

O entusiasmo de Villa-Lobos pelo carnaval era antigo. Ele não dispensava o bloco de sujos que se apresentava na segunda-feira de carnaval na Praça Onze. Ia sempre assisti-lo em companhia dos amigos mais chegados. Lá se via uma batucada com uma roda imensa, onde todos cantavam o estribilho. Para o centro ia um dos batuqueiros, improvisando versos e exibindo passos. Ao findar sua demonstração, figurava uma coreografia de capoeira, terminando-a com uma reverência dirigida a um outro participante. Ela era ao mesmo tempo um convite para o seguinte mostrar do que era capaz.

Villa-Lobos saía sempre num bloco que causava estardalhaço e provocava inevitáveis protestos. Certa feita, convenceu o maestro Arthur Rubinstein, seu grande amigo, a prolongar a permanência no Rio de Janeiro para participar de nossa festa maior. Mário Lago, em suas memórias, assim se refere a essa saída:

“E liderando o bloco no auge da alegria, como também de uma total falta de jeito e cadeiras convenientemente moles para o remelexo, lá ia Arthur Rubinstein metido na pele da única fantasia que tinha sido possível arranjar-lhe à última hora: uma baiana deslumbrante, com torso de seda e tudo.”

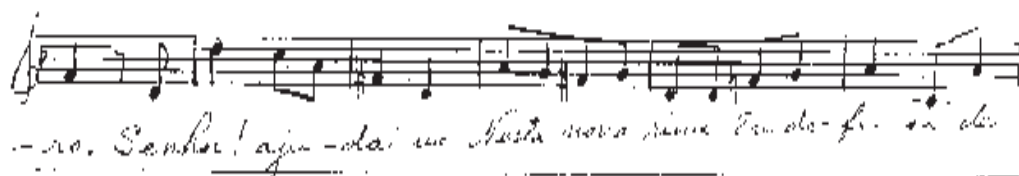
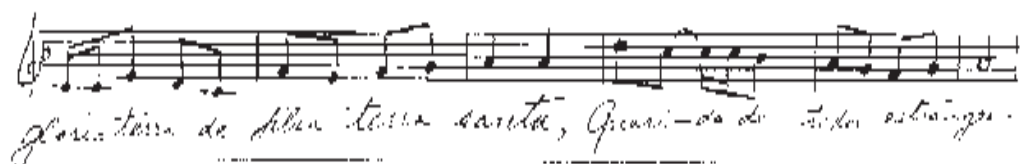
Em relação às comemorações de Momo, de outra vez o grande músico teve uma idéia de gênio: fazer ressurgir, em 1940, um verdadeiro cordão, na maior fidelidade possível, tal como ele existira no início deste século. Queria-o como antes haviam sido o Terror das Chamas, o Pavor dos Inocentes do Morro do Pinto, o Prazer da Pedra Encantada e tantos outros. Precisava de uma assessoria adequada ao empreendimento. Por isso foi buscar a cooperação de vários integrantes de velhos cordões, dentre eles o famoso José Gomes da Costa, também conhecido como Pai Alufá, Zé Spinelli ou Zé Espinguela, autor da marcha de cordão Brasil, do Sôdade do Cordão. Aliás, foi ele quem iniciou os preparativos para aquilo que veio a se chamar o Sôdade do Cordão.

Quem foi este carnavalesco que recebeu uma incumbência tão importante? Para descobri-lo, buscamos depoimento de pessoas que o conheceram, como seus filhos Wilson e Crispim Gomes da Costa, Dona Zica da Mangueira, Tia Rosinha. Esta era comadre do Espinguela e prima da porta-bandeira Mocinha. Foi também uma das pastoras do Grupo do Pai Alufá, tendo participado das gravações para o maestro Stokowsky no navio Uruguai.

O Spinelli nasceu em 1901 e morreu com 42 anos. Foi um dos fundadores da Mangueira, onde conheceu o maestro, como afirma Dona Zica. Mas morava mesmo no Irajá, numa rua de terra, sem água, luz ou asfalto,

“Brasil” -
marcha do Sôdade do Cordão

Brasil (Marcha de Cordão) Linha e Melodias de
Boulevard dos Santos
João Espinguela
do SÔDADE DO CORDÃO





Anita Otero em
dia de ensaio
do bloco na
casa de Zé
Espinguela.

Dia de ensaio do bloco
“Sôdade do Cordão” na casa
de Zé Espinguela. Ainda na
foto, Arminda Villa- Lobos,
Ismailovich, Zé Espinguela e
na extrema direita, parte do
rosto de Villa-Lobos.



situada na Travessa Violeta nº 29, hoje Rua Barão de Jaguaribe nº 52. Sua casa era muito animada e lá compareciam vários músicos: Cartola, Paulo da Portela, Ary Barroso, Ismael Silva, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca. Villa-Lobos passou a freqüentá-la com a esposa. Ali se faziam reuniões de música e, terminada a função, começava o pagode. Os ensaios também eram realizados ali, sempre aos domingos, das 16 às 20 horas. Toda a família de Spinelli saiu no Sôdade do Cordão. Ele próprio, caracterizado de índio Tuchau, desfilava com um lagarto vivo. Seu filho Wilson junto com a mãe, na ala dos velhos. O filho Crispim de morcego branco.

O musicólogo Luíz Heitor Corrêa de Azevedo também nos presta um interessante depoimento que ajuda a recompor a época da preparação do cordão:

“Em 29, eu já era, então, professor da cadeira de folclore na Escola de Música, e Villa-Lobos me pediu que o ajudasse, para

ver grupos que se apresentavam aqui e ali e selecionar elementos para fazer parte do Sôdade do Cordão. Com isso, eu fui aos subúrbios do antigo Distrito Federal, o que é uma coisa extremamente pitoresca. Sou incapaz de dizer, hoje, onde. Tenho lembranças disso e de visitas, com Villa-Lobos, ao gabinete do Ministro do Interior na época, que era, interinamente, o Negrão de Lima, e estava subvencionando toda essa festa do Sôdade do Cordão, porque havia muitas despesas envolvidas. Eu fazia simplesmente meus relatórios verbais ao Villa-Lobos, daquilo que eu tinha visto e a minha impressão. E ele escolheu, ele mesmo, diretamente, os elementos [...]. Com o interesse de Villa-Lobos os convites choviam... E, efetivamente, o Villa-Lobos dizia: – ‘Você vai, se você vir um bom dançarino, um bom batedor, você

Dia de ensaio do bloco “Sôdade do Cordão” na casa de Zé Espinguela. Na foto, Villa-Lobos, Arminda Villa-Lobos, Ismailovich e Zé Espinguela.





Dia de ensaio do bloco "Sôdade do Cordão" na casa de Zé Espinguela.

me assinala'... Eu assistia ensaios, festas, cerimônias...

No grande desfile, eu estava no palanque oficial onde se encontrava o Villa-Lobos e, me lembro muito bem, também um dos grandes pianistas da época. Era o Firkusny, que estava no Rio de Janeiro dando recitais e também foi assistir, junto com a Maria Amélia Rezende Martins. Ela era a secretária da Pró-Arte, a organização que trazia muitos desses artistas ao Brasil. Não era com espírito comercial, mas num espírito de obra social.

Villa-Lobos deu inteira liberdade ao grupo. Ele deu os seus palpites porque ele tinha lembranças muito vivas dos carnavais antigos. Isto não tem a menor dúvida, mas ele deixou muito à

vontade os elementos que tinha escolhido, alguns bastante idosos. Era espantoso ver, por exemplo, a agilidade com que homens de 60, 70 anos de idade, dançavam... Eu me lembro, por exemplo, que um dos figurantes tinha que dançar o famoso miudinho, considerado a peça de alta virtuosidade da coreografia do cordão, onde só os pés se movem. Era extraordinário. Penso que esse era o que encarnava a figura do velho. Os elementos que participaram eram autenticamente populares. Não havia nenhum elemento profissional e não popular no Sôdade do Cordão, isso eu posso garantir.”

Diário Oficial
Extrato de estatutos

Villa-Lobos quis reconstituir o verdadeiro espírito carnavalesco, retra-

“SODADE DO CORDÃO”

EXTRATO DE ESTATUTOS

Fundado nesta capital sua sede e fóro jurídico, em 23 de abril de 1939, por iniciativa do Maestro Villa-Lobos, de duração indeterminada, não respondendo os socios subsidiariamente pelos compromissos sociais, e o patrimonio social por se constituir, tem por fim apresentar-se ao público nos dias consagrados á Sua Magestade Rei Momo e empregar todos os esforços afim de reviver as características tradicionais de danças, brados e costumes desse genero de manifestações populares para poder servir de documentação historica nacional nas pesquisas—patrioticas das instituições oficiais brasileiras, ou em outras exhibições, desde que se torne preciso. Será administrado por uma diretoria composta de: Presidente, Vice-presidente, 1º e 2º Secretários, 1º e 2º tesoureiros e dois Procuradores, que são seus representantes legais em Juízo e fóra dele. Dissolvido o Cordão por decisão da Assembléia Geral, o saldo do patrimonio existente revertirá em favor de uma casa de Caridade (art. 3º do Capitulo IV). Seus estatutos só poderão ser reformados ou alterados em Assembléia Geral, quando a pratica demonstrar a sua necessidade, a criterio da Diretoria. — A Diretoria.

(C — 587 — 16-1-940 — 30\$6)

tando-o no Sôdade do Cordão. E, para isso, nenhum detalhe escapou à sua aguçada percepção. Criou estatutos, cuja extrato foi publicado na Seção I do *Diário Oficial* da quarta-feira 17 de janeiro de 1940; nomeou uma comissão para dirigir os festejos do cordão, a qual teve como presidente o já referido José Gomes da Costa. Como exemplo da preocupação do maestro pela perfeita organização do cordão, podemos lembrar o texto publicado em *O Globo* de 2/02/1940, que transcrevemos a seguir:

“Prompto para desfilar o Sôdade do Cordão, o repórter estranhou que a Rainha dos Diabos esteja com a barba por fazer.

O maestro Villa-Lobos explica:

- A rainha é homem.
- Homem?
- Sempre foi e conservamos os costumes dos velhos carnavaes, com suas tradições e seus aparentes erros.”

Em todas as manchetes de jornais havia menção ao acontecimento. O Sôdade do Cordão estava sendo o ponto alto do Carnaval de 1940, uma verdadeira apoteose. O *Correio da Manhã* de 6/02/1940 dedicava quase que a capa inteira ao evento e assim o retratava:

“Sôdade do Cordão – Embaixada que veio lembrar o Momo dos bons tempos. Um pouco daquele carnaval gostoso, ingênuo, cheiroso, animado, que a batuta em férias de um maestro brasileiro ressuscitou para o carioca de hoje.

Até as duas horas estava bastante pacífica a Feira de Amostras. Foi precisamente a esta hora, a marcada para o início do Sôdade do Cordão, que o povo começou a entrar, mas a entrar em massa em grandes bandos. [...] Entraram de repente e encheram o vasto recinto em meia hora. [...] Não escapou nada durante esta meia hora. Quando circunvagamos os olhos pela Feira até pelos telhados havia gente. [...] E o carioca provou que se não é macaquito pela mania de imitação, é realmente macaco na

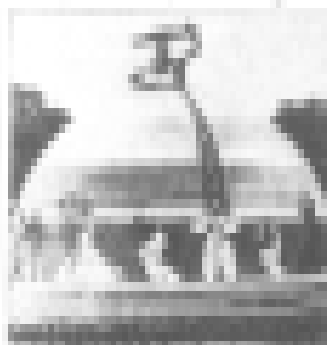
Illustration: How a better plant health care strategy can improve a landscape's appearance. **Left:** A landscape with a healthy, green lawn. **Right:** A landscape with a dead, brown lawn.

1997-98 100%
1998-99 100%

PARA DEFINIR A POSIÇÃO DOS BALKANS

Unidades de Saúde e assistência social do Poder Judiciário de Pernambuco, Brasília - Departamento de Justiça, e Juiz de Direito, e Juiz de Direito e Juiz de Direito, etc.

1. 本報社址：台北市中正區延平南路77號5樓505室
 2. 本報社址：台北市中正區延平南路77號5樓505室
 3. 本報社址：台北市中正區延平南路77號5樓505室



**ESPLORANDO INSIEME IL
CLUB FILATELICO DI ROMA**

[illegible]

Primer premio: Nitrocelulosa
ordenada para el experimento



Toda uma longa vida
ao serviço do bem

TRENOS BLINDADOS!

© Prof. Dr. Jochen Wimmer, Lehrstuhl für...



ACONSELHANDO OS BELIGERANTES A SE UNIREM CONTRA OS RUSSOS

© 1998 by The McGraw-Hill Companies, Inc. All rights reserved. This publication is protected by copyright. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or by any information storage or retrieval system, without prior written permission from The McGraw-Hill Companies, Inc. This publication may be used for educational or promotional purposes, provided that the copyright notice is included in the reproduction. For more information, contact The McGraw-Hill Companies, Inc., 1221 Avenue of the Americas, New York, NY 10020-1398.





Villa-Lobos com o "Sôdade do Cordão"- 1940

hora de subir em alguma coisa. [...] Lá pelas tantas os observadores assignalaram algo à vista. O maestro Villa-Lobos apareceu no meio do grande quadrado onde se exhibiria o Cordão e desapareceu de novo... Esperou-se mais. Nada. De vez em quando, partido de algum grupo, propagava-se o tradicional grito:

– Tá na hora! Tá na hora!

Muita gente já se impacientava e queria ir embora, protestava, prometia vaias tremendas ao Cordão inteiro se demorasse mais cinco minutos. Isto eram quatro e pouco.

O Cordão só entrou às cinco mas dissolveu todas as impaciências.

Acolhido com palmas pelo numeroso público que lotava as alamedas, os componentes do Cordão caminharam cantando: Adeus, bela morena,/ Em teu nome ouvi falar./ Vamos ver o Sôdade do Cordão / Que saiu a passar."

Recorte do jornal *A Noite* com a notícia da saída do Sôdade do Cordão.



Reprodução do quadro a óleo
Máscaras, da pintora portuguesa
Maria Margarida Santello.

A estrutura adotada para o desfile do Sôdade do Cordão em 1940, com base na orientação de Villa-Lobos, enfatiza a coreografia, porque o cordão é um grupo de elementos característicos e excepcionais do povo, e não apenas um bloco carnavalesco. A coreografia naturalmente implica numa disciplina coletiva e em um singelo traço crítico, que remonta a certa atitude estética do período colonial, traço muito comum nas cortes ou nas reuniões da aristocracia.

O Cordão possuía dois estandartes, com croquis confeccionados pelos pintores Ismailovitch e Maria Margarida: um era uma Vitória-régia sustentada por um sapo e presa em dois bодоques autênticos, cruzados e intercalados de cobras vermelhas e verdes; o outro apresentava uma grande máscara simbolizando um Ameríndio zangado.

Máscaras e instrumentos do bloco.



21 "leaders" da indústria e do comércio norte-americanos partem hoje para a América Latina

Tudo por conta de Momo!

Se você não pode
visitar a cidade
pela internet, basta
ligar para o número

entrem e cartões não das outras coisas que não seja cartas e desenhos.



PERNA-FINA QUER DANSAR!

Um estudo a respeito do A. MONTU e sobre
sua obra foi publicado no "Estado da Paraíba" - "Um
soneto inédito de Montu" - Uma homenagem do
Jornal ao 25.º aniversário da morte

A "TOMITTE" DA CD400

© 2000 by Blackwell Science Ltd, *Journal of Internal Medicine* 247: 395–401

MAIS 10 CONTOS

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

Q I have a 1994 Buick Wildcat with 150,000 miles. The car is running well, but I have noticed some oil leaks. I have changed the oil and filter, but the leaks are still there. What can I do to fix them?

A The most common oil leaks on a Buick Wildcat are from the valve cover gaskets and the oil pan gasket. The valve cover gaskets are located on the top of the engine, and the oil pan gasket is located on the bottom of the engine. Both of these gaskets can become worn and leaky over time. To fix the leaks, you will need to replace the gaskets. This is a fairly simple job that can be done by a DIYer. You will need to consult the service manual for your car to get the proper instructions. If you are not comfortable doing the job yourself, you can take the car to a mechanic. The cost of the gaskets and labor should be around \$200 to \$300.

Q I have a 1994 Buick Wildcat with 150,000 miles. The car is running well, but I have noticed some oil leaks. I have changed the oil and filter, but the leaks are still there. What can I do to fix them?

A The most common oil leaks on a Buick Wildcat are from the valve cover gaskets and the oil pan gasket. The valve cover gaskets are located on the top of the engine, and the oil pan gasket is located on the bottom of the engine. Both of these gaskets can become worn and leaky over time. To fix the leaks, you will need to replace the gaskets. This is a fairly simple job that can be done by a DIYer. You will need to consult the service manual for your car to get the proper instructions. If you are not comfortable doing the job yourself, you can take the car to a mechanic. The cost of the gaskets and labor should be around \$200 to \$300.

NA AMAZONIA O MINISTRO DA AGRICULTURA

11. *Staphylococcus aureus* (Gram positive) is a common cause of skin infections. It is a facultative anaerobe, meaning it can grow with or without oxygen. It is a cocci, meaning it is spherical in shape. It is a Gram positive bacterium, meaning it retains the crystal violet stain used in the Gram staining process. It is a facultative anaerobe, meaning it can grow with or without oxygen. It is a cocci, meaning it is spherical in shape. It is a Gram positive bacterium, meaning it retains the crystal violet stain used in the Gram staining process.



Source: U.S. Census Bureau, *Marriage, Divorce, Remarriage in the 1990s*, Table 1.1.

Recorte de jornal *A Noite Dominical*,
04 de fevereiro de 1940.

Jornal *A Batalha*,
01 de fevereiro de 1940.

O desfile das Pequenas Sociedades e das Escolas de Samba, será julgado por uma Comissão designada pela Prefeitura.

UNICO

**e Luxuoso Baile
Domingo de Carnaval**

NO CASO ATLANTICO

A cidade estentada artística ornamentação

1. The first step is to identify the problem. In this case, the problem is that the company is not meeting its sales targets.



PREMIOS DE ALTO VALOR

100

RESULTS

110

1000

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

100

100

1000



Atlantic

LEADING THE WAY FOR BUSINESS & INDUSTRY

[illegible]

ANNOUNCEMENT OF NEW PUBLICATIONS
 The following new publications are available for purchase from the publisher. The price of each book is \$10.00. The books are available in paperback or hardcover format. The hardcover format is available for an additional \$5.00. The books are available in English or Spanish. The Spanish version is available for an additional \$5.00. The books are available in English or Spanish. The Spanish version is available for an additional \$5.00.

1. **NAME:** _____
 2. **ADDRESS:** _____
 3. **CITY:** _____
 4. **STATE:** _____
 5. **ZIP:** _____
 6. **PHONE:** _____
 7. **FAX:** _____
 8. **E-MAIL:** _____
 9. **DATE:** _____
 10. **SIGNATURE:** _____
 11. **PRINT NAME:** _____
 12. **PRINT ADDRESS:** _____
 13. **PRINT CITY:** _____
 14. **PRINT STATE:** _____
 15. **PRINT ZIP:** _____
 16. **PRINT PHONE:** _____
 17. **PRINT FAX:** _____
 18. **PRINT E-MAIL:** _____
 19. **PRINT DATE:** _____
 20. **PRINT SIGNATURE:** _____
 21. **PRINT NAME:** _____
 22. **PRINT ADDRESS:** _____
 23. **PRINT CITY:** _____
 24. **PRINT STATE:** _____
 25. **PRINT ZIP:** _____
 26. **PRINT PHONE:** _____
 27. **PRINT FAX:** _____
 28. **PRINT E-MAIL:** _____
 29. **PRINT DATE:** _____
 30. **PRINT SIGNATURE:** _____
 31. **PRINT NAME:** _____
 32. **PRINT ADDRESS:** _____
 33. **PRINT CITY:** _____
 34. **PRINT STATE:** _____
 35. **PRINT ZIP:** _____
 36. **PRINT PHONE:** _____
 37. **PRINT FAX:** _____
 38. **PRINT E-MAIL:** _____
 39. **PRINT DATE:** _____
 40. **PRINT SIGNATURE:** _____
 41. **PRINT NAME:** _____
 42. **PRINT ADDRESS:** _____
 43. **PRINT CITY:** _____
 44. **PRINT STATE:** _____
 45. **PRINT ZIP:** _____
 46. **PRINT PHONE:** _____
 47. **PRINT FAX:** _____
 48. **PRINT E-MAIL:** _____
 49. **PRINT DATE:** _____
 50. **PRINT SIGNATURE:** _____
 51. **PRINT NAME:** _____
 52. **PRINT ADDRESS:** _____
 53. **PRINT CITY:** _____
 54. **PRINT STATE:** _____
 55. **PRINT ZIP:** _____
 56. **PRINT PHONE:** _____
 57. **PRINT FAX:** _____
 58. **PRINT E-MAIL:** _____
 59. **PRINT DATE:** _____
 60. **PRINT SIGNATURE:** _____
 61. **PRINT NAME:** _____
 62. **PRINT ADDRESS:** _____
 63. **PRINT CITY:** _____
 64. **PRINT STATE:** _____
 65. **PRINT ZIP:** _____
 66. **PRINT PHONE:** _____
 67. **PRINT FAX:** _____
 68. **PRINT E-MAIL:** _____
 69. **PRINT DATE:** _____
 70. **PRINT SIGNATURE:** _____
 71. **PRINT NAME:** _____
 72. **PRINT ADDRESS:** _____
 73. **PRINT CITY:** _____
 74. **PRINT STATE:** _____
 75. **PRINT ZIP:** _____
 76. **PRINT PHONE:** _____
 77. **PRINT FAX:** _____
 78. **PRINT E-MAIL:** _____
 79. **PRINT DATE:** _____
 80. **PRINT SIGNATURE:** _____
 81. **PRINT NAME:** _____
 82. **PRINT ADDRESS:** _____
 83. **PRINT CITY:** _____
 84. **PRINT STATE:** _____
 85. **PRINT ZIP:** _____
 86. **PRINT PHONE:** _____
 87. **PRINT FAX:** _____
 88. **PRINT E-MAIL:** _____
 89. **PRINT DATE:** _____
 90. **PRINT SIGNATURE:** _____
 91. **PRINT NAME:** _____
 92. **PRINT ADDRESS:** _____
 93. **PRINT CITY:** _____
 94. **PRINT STATE:** _____
 95. **PRINT ZIP:** _____
 96. **PRINT PHONE:** _____
 97. **PRINT FAX:** _____
 98. **PRINT E-MAIL:** _____
 99. **PRINT DATE:** _____
 100. **PRINT SIGNATURE:** _____
 101. **PRINT NAME:** _____
 102. **PRINT ADDRESS:** _____
 103. **PRINT CITY:** _____
 104. **PRINT STATE:** _____
 105. **PRINT ZIP:** _____
 106. **PRINT PHONE:** _____
 107. **PRINT FAX:** _____
 108. **PRINT E-MAIL:** _____
 109. **PRINT DATE:** _____
 110. **PRINT SIGNATURE:** _____
 111. **PRINT NAME:** _____
 112. **PRINT ADDRESS:** _____
 113. **PRINT CITY:** _____
 114. **PRINT STATE:** _____
 115. **PRINT ZIP:** _____
 116. **PRINT PHONE:** _____
 117. **PRINT FAX:** _____
 118. **PRINT E-MAIL:** _____
 119. **PRINT DATE:** _____
 120. **PRINT SIGNATURE:** _____
 121. **PRINT NAME:** _____
 122. **PRINT ADDRESS:** _____
 123. **PRINT CITY:** _____
 124. **PRINT STATE:** _____
 125. **PRINT ZIP:** _____
 126. **PRINT PHONE:** _____
 127. **PRINT FAX:** _____
 128. **PRINT E-MAIL:** _____
 129. **PRINT DATE:** _____
 130. **PRINT SIGNATURE:** _____
 131. **PRINT NAME:** _____
 132. **PRINT ADDRESS:** _____
 133. **PRINT CITY:** _____
 134. **PRINT STATE:** _____
 135. **PRINT ZIP:** _____
 136. **PRINT PHONE:** _____
 137. **PRINT FAX:** _____
 138. **PRINT E-MAIL:** _____
 139. **PRINT DATE:** _____
 140. **PRINT SIGNATURE:** _____
 141. **PRINT NAME:** _____
 142. **PRINT ADDRESS:** _____
 143. **PRINT CITY:** _____
 144. **PRINT STATE:** _____
 145. **PRINT ZIP:** _____
 146. **PRINT PHONE:** _____
 147. **PRINT FAX:** _____
 148. **PRINT E-MAIL:** _____
 149. **PRINT DATE:** _____
 150. **PRINT SIGNATURE:** _____
 151. **PRINT NAME:** _____
 152. **PRINT ADDRESS:** _____
 153. **PRINT CITY:** _____
 154. **PRINT STATE:** _____
 155. **PRINT ZIP:** _____
 156. **PRINT PHONE:** _____
 157. **PRINT FAX:** _____
 158. **PRINT E-MAIL:** _____
 159. **PRINT DATE:** _____
 160. **PRINT SIGNATURE:** _____
 161. **PRINT NAME:** _____
 162. **PRINT ADDRESS:** _____
 163. **PRINT CITY:** _____
 164. **PRINT STATE:** _____
 165. **PRINT ZIP:** _____
 166. **PRINT PHONE:** _____
 167. **PRINT FAX:** _____
 168. **PRINT E-MAIL:** _____
 169. **PRINT DATE:** _____
 170. **PRINT SIGNATURE:** _____
 171. **PRINT NAME:** _____
 172. **PRINT ADDRESS:** _____
 173. **PRINT CITY:** _____
 174. **PRINT STATE:** _____
 175. **PRINT ZIP:** _____
 176. **PRINT PHONE:** _____
 177. **PRINT FAX:** _____
 178. **PRINT E-MAIL:** _____
 179. **PRINT DATE:** _____
 180. **PRINT SIGNATURE:** _____
 181. **PRINT NAME:** _____
 182. **PRINT ADDRESS:** _____
 183. **PRINT CITY:** _____
 184. **PRINT STATE:** _____
 185. **PRINT ZIP:** _____
 186. **PRINT PHONE:** _____
 187. **PRINT FAX:** _____
 188. **PRINT E-MAIL:** _____
 189. **PRINT DATE:** _____
 190. **PRINT SIGNATURE:** _____
 191. **PRINT NAME:** _____
 192. **PRINT ADDRESS:** _____
 193. **PRINT CITY:** _____
 194. **PRINT STATE:** _____
 195. **PRINT ZIP:** _____
 196. **PRINT PHONE:** _____
 197. **PRINT FAX:** _____
 198. **PRINT E-MAIL:** _____
 199. **PRINT DATE:** _____
 200. **PRINT SIGNATURE:** _____
 201. **PRINT NAME:** _____
 202. **PRINT ADDRESS:** _____
 203. **PRINT CITY:** _____
 204. **PRINT STATE:** _____
 205. **PRINT ZIP:** _____
 206. **PRINT PHONE:** _____
 207. **PRINT FAX:** _____
 208. **PRINT E-MAIL:** _____
 209. **PRINT DATE:** _____
 210. **PRINT SIGNATURE:** _____
 211. **PRINT NAME:** _____
 212. **PRINT ADDRESS:** _____
 213. **PRINT CITY:** _____
 214. **PRINT STATE:** _____
 215. **PRINT ZIP:** _____
 216. **PRINT PHONE:** _____
 217. **PRINT FAX:** _____
 218. **PRINT E-MAIL:** _____
 219

Address correspondence to: Dr. J. A. García, Hospital General de Madrid, 28002 Madrid, Spain. E-mail: jgarcia@hggm.com

1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 26

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

[illegible]

THE



1. **NAME OF THE COMPANY OR INDIVIDUAL**
 2. **ADDRESS**
 3. **CITY**
 4. **STATE**
 5. **ZIP**
 6. **PHONE**
 7. **FAX**
 8. **E-MAIL**
 9. **WEBSITE**
 10. **INDUSTRY**
 11. **PRODUCTS**
 12. **SERVICES**
 13. **MARKETING STRATEGIES**
 14. **COMPETITORS**
 15. **FINANCIAL STATEMENTS**
 16. **OTHER INFORMATION**

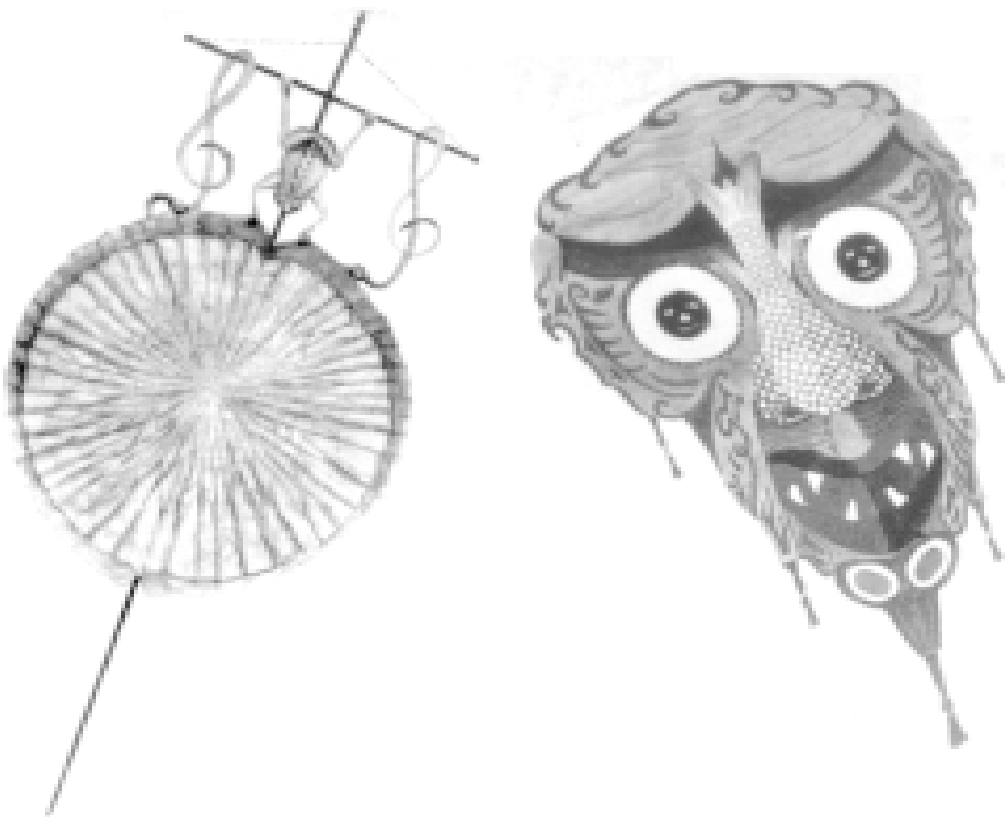
1. 本報社址：台北市中正區延平南路77號5樓501室
 2. 電話：(02) 2311-3111
 3. 傳真：(02) 2311-3111
 4. 郵政特准掛號認爲新聞紙類
 5. 本報代售處：全國各大書局、報社、郵局、代售處均有代售

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

1. *Journal of the American Medical Association*, 1997; 277: 1033-1036.

O cortejo começava com o grupo de índios e caboclos, caracterizados com perfeição nos adereços e na indumentária. Os índios traziam na mão bichos vivos. Um deles, o Zé Espinguela, que representava o índio Tuchau, dava beijos na cabeça de um lagarto. Juntamente com os índios entravam os caboclos, o cacique-chefe, o rei e a rainha dos caboclos, os caciques, os guerreiros, os caçadores, o Pajé e Tupã. Logo a seguir vinham 14 homens-sapo, com enormes máscaras de papelão imitando sapos, chefiados pelo monstro do Rio Amazonas, inspirados em personagens das lendas daquela região.

O estandarte do grupo era a Vitória-régia. Foi conduzido pela rainha dos caboclos, representada pela atriz Anita Otero, uma feliz escolha de Villalobos. A beleza fascinante da atriz e a harmonia do seu bailado eram realçadas pela coreografia dos bailarinos, entre eles o célebre Perna Fina, que causava admiração com suas famosas figurações de dança, como a tesoura, o corta-jaca e o miudinho.





Villa-Lobos entre máscaras e instrumentos do bloco “Sôdade do Cordão”.

Cerca de dez metros atrás vinha o segundo estandarte, carregado por um homem extraordinariamente robusto e musculoso. Acompanhava-o o grupo de velhos, palhaços, rei e rainha dos diabos, diabinhos, morcegos e outros animais, caveiras, sargentos, mestre de canto e bateria, com seus integrantes. Faziam parte da bateria instrumentos típicos, como camisões, surdos, tamborins, pratos de louça, reco-recos de bambu e ferro, chocalhos de cabaça e cornetas de chifre.

Integrando a bateria do Sôdade do Cordão, o grupo contou com a colaboração de dois grandes músicos populares, que privaram da amizade de Villa-Lobos. O primeiro era Angenor de Oliveira, o popular Cartola, que saiu tocando cavaquinho. O outro foi o compositor e violonista Aluísio Dias, da velha guarda da Mangueira, que saiu tocando violão.

Depois de permanecer dançando durante horas e nos mais variados estilos e coreografias, chegava afinal o desfecho do cortejo. Dava-se com o encontro dos grupos, que inicialmente apresentava uma certa animosidade. A invasão do ambiente dos índios e caboclos pelos componentes do

grupo dos velhos e diabos fez com que os primeiros se aproximassem selvagemmente e com ameaças, roçando o estandarte da Vitória-régia no do Ameríndio, como se fosse a instigação para uma batalha. Aos poucos esse clima de beligerância foi melhorando, até que todos confraternizaram, dançando na grande praça central da Feira de Amostras, e se cumprimentaram numa euforia incomum, culminando com o beijo dos dois estandartes. Esta cerimônia simbolizava a paz e a alegria entre os grupos. Era o clímax do desfile, que seguia para a retirada, na mesma ordem do cortejo do início.

O *Diário de Notícias* de 6/02/1940 publicou os nomes dos integrantes do

Elementos do bloco “Sódade do Cordão” de 1940.





Villa-Lobos e os 14 sapos-homens no desfile do bloco.

Cordão indicando as figuras que formavam. A análise das figuras do Cordão nos permite deduzir coisas curiosas a propósito do carnaval antigo: há figuras individualizadas, com papéis socialmente destacados, como caciques, pajé, Tupã, reis, rainhas, em contraste com grupos não diferenciados, semelhantes aos coros, como é o caso dos velhos e palhaços. Paralelamente, o sincretismo cultural do nosso povo transparece, na coexistência entre personagens e animais do mundo da floresta brasileira e os diabos da tradição católica européia.

Intelectuais, jornalistas, musicistas, homens de letras, autoridades do governo prestigiaram o maestro Villa-Lobos, aplaudindo mais esta criação de um apaixonado pelas manifestações da cultura popular. A imprensa deu grande cobertura ao desfile, contribuindo para a divulgação do evento. Assim podemos ler em *O Globo* de 3/02/1940:

“O maestro Villa-Lobos com o seu grupo ‘Sôdade do Cordão’ vae reviver este ano o Carnaval de 1900. O ‘Sôdade do Cordão’ se exhibirá na Feira de Amostras, na segunda-feira, às 14 horas, e na terça, às 13 horas.”



O MAESTRO VILLA-LOBOS DA' INSTRUÇÕES A
PAI ALUFA', QUE ESTA' VESTIDO DE CHEFE
INDIO

Também o *Correio da Manhã* de 4/02/1940 noticiava o acontecimento:

“O maestro Villa-Lobos, um apaixonado estudioso do riquíssimo mundo folclórico brasileiro, acaba de dar os últimos retoques aos ensaios a que vinha submetendo a enorme legião de seus auxiliares. [...] Não há, entretanto, invenção e sim estylização de coisas muito do Brasil e do Carnaval. ‘SÔDADE do Cordão’ apresentará ao público um espetáculo de arte puramente brasileira, inspirado na bizarra concepção estética do gênio nativista à época colonial.”

E o *Diário de Notícias* de 3/02/1940:

“Há uma grande curiosidade em torno da apresentação do ‘SÔDADE do Cordão’, iniciativa do maestro Villa-Lobos sob o patrocínio do DIP (Departamento da Imprensa e Propaganda). [...] Pae Alufá é o Cacique-Chefe, embora todos obedeçam à orientação artística do maestro Villa-Lobos. [...] Bailados, cantos, indumentária, lendas amazônicas, tudo obedece à inspiração pittoresca das mais profundas camadas populares do Brasil. Terminado o desfile, o ‘SÔDADE do Cordão’ seguirá o itinerário que a polícia determinar.”

O *Jornal do Brasil* de 6/02/1940 também comentou a iniciativa de Villa-Lobos:

“A apresentação esse ano do ‘SÔDADE do Cordão’; um bloco carnavalesco baseado em motivos do carnaval antigo, está constituindo a nota de maior sensação. [...] Entregue à capacidade artística do maestro Villa-Lobos, a interessante organização carnavalesca promete empolgar a cidade. [...] Hontem realizou-se na Feira de Amostras a primeira exibição do original cordão e o seu desfile está marcado para hoje depois de uma concentração na Praça Tiradentes. Daí desfilará pela Rua da Carioca, Rua da Assembléia, Avenida Rio Branco e Rua Santa Luzia.”



Detalhe do estandarte do “Sôdade do Cordão”.

A Noite de 7/02/1940 publicava:

“O SÔDADE do Cordão foi, sem dúvida, o ponto culminante do Carnaval de 1940. [...] Merece um registro especial o número de autoridades e artistas que compareceram à Feira compartilhando com o povo as agruras de um sol causticante. [...] O Sôdade do Cordão organizado pelo maestro Villa-Lobos constituiu a nota original do Carnaval deste ano. O desfile do cordão evocativo foi acolhido com retumbantes aplausos de uma grande massa popular.

Na mesma data, saiu em *O Globo*:

“Como toda gente esperava, o Sôdade do Cordão organizado pelo maestro Villa-Lobos constituiu uma nota diferente no Carnaval deste ano.”

Apresentação do estandarte no
"Sôdade do Cordão", revivescência
feita por Villa-Lobos.



O entusiasmo que levou Villa-Lobos a solicitar o patrocínio da Prefeitura, do DIP e a tirar dinheiro do próprio bolso para realizar seu sonho, era perfeitamente compreensível. Saudosista e grande folião, o maestro não se preocupou em fazer reviver um cordão apenas pelo aspecto cultural. A nosso ver, ele sentia a necessidade emocional de viver novamente aquilo que, em sua meninice e juventude, havia sido tão importante. Encontramos nos arquivos documentais do Museu Villa-Lobos folhas com discriminação de despesas e vales, em nome de José Gomes da Costa, o Zé Espinguela, que comprovam que parte dos gastos iniciais recaíram sobre o mentor do Cordão.

Manchete da página 4 do jornal *A Batalha* de 03 de fevereiro de 1940.

Várias vezes nos perguntamos: por que o Sôdade do Cordão só desfilou em 1940? Se o sucesso de seu desfile foi tão grande, por que não foi repetido no ano seguinte? Wilson e Crispim Gomes da Costa, filhos de José Gomes da Costa, nos deram a resposta: a doença e a morte do pai, em 1943, impediram o prosseguimento das atividades.

Maria Augusta F. Machado da Silva, no *Boletim Técnico-Cultural* do Museu Villa-Lobos, nº 1, de 1984, nos dá uma outra versão sobre a apresentação do Sôdade:

“Recortes de jornais, colecionados pela senhora Arminda Villa-Lobos, contam que, em 1941, Sôdade do Cordão voltou a se apresentar, embora desfalcado em consequência de dissensões internas entre seus componentes.”

No jornal *O Globo* de 13/02/1950 encontramos uma informação que nos permite deduzir a existência de várias apresentações do Cordão. Mas somente no ano de 1940 houve a participação e colaboração de Espinguela e Villa-Lobos.

“Não houve verba para o ‘Sôdade do Cordão’.

Apelo do presidente Beraldo ao prefeito Angelo Mendes de Moraes.

Primeira página do jornal *Correio da Manhã*, 06 de fevereiro de 1940.

O «Sodade do Cordão» um grande espectáculo de arte popular

Segunda-feira a apresentação da original iniciativa do maestro Villa

— Lobos, sob o patrocínio do DIP —

Correio da Manhã

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 1940

“Sodade do Cordão — emboscada que veio lembrar o Momo dos bons tempos

UM POUCO DAQUELLE CARNAVAL GOSTOSO, INGENUO, CHEIROSO, ANIMADO, QUE A BATUTA
EM FERIAS DE UM MAESTRO BRASILEIRO RESUSCITOU PARA O CARTOIA DE HOJE



Manchete de O GLOBO em 03/02/40.

EDIÇÃO
11 DE **HORAS**



O GLOBO

QUINTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 1966

12 PAGINAS DE NOTÍCIAS

Edição: 1.740

Assinatura: R\$ 1,00

Publicação: R\$ 1,00

Telefone: (021) 250-1111

Ao lado, manchete de O GLOBO em 02/02/40 e detalhe do texto da 1ª página do jornal A BATALHA em 01/02/40.

O GLOBO

ANNO 541 — N. 4115

JORNAL DO DIÁRIO MARIANO

Quarta-feira, 2 de fevereiro de 1940

Director-Geral:—HERNANI VIALI

Director-Editor-Chefe:—ROBERTO MACEDO

Director-Administrativo:—A. LIMA DA COSTA

PROMPTO PARA DESFILAR o «Sódade do Cordão»!

REALIZOU-SE HONTEM, COM GRANDE EXI-
— TO, O ULTIMO ENSAIO —



RECORDANDO O CARNAVAL DOS NOSSOS AVÓS!

«Sódade do Cordão» fará sua exhibição official
no recinto da Feira de Amostras e, o desfile pela
cidade, na segunda-feira gorda

A SÍTALMA (ou o primoroso
na maioria dos o mestre Vilma
de facto, a «Sódade do Cordão»
é uma instituição do mestre Vilma
de facto, que remonta a 1890
pouco mais de 50 anos, e
de facto, que remonta a 1890
de facto, que remonta a 1890

vidade para a maioria dos foliões
actuais

A APRESENTAÇÃO NO RECINTO DA FEIRA DE AMOSTRAS

Honrem, grande honrem, a
«Sódade do Cordão», que será
apresentada no recinto da Feira de
Amostras, no 12 de fevereiro, exhibindo
os seus e os seus costumes
de facto, que remonta a 1890

o SÍTALMA FEIJA SÍTALMA

Após a demonstração de que a
«Sódade do Cordão» é uma instituição
de facto, que remonta a 1890
de facto, que remonta a 1890

O JORNAL

RIO DE JANEIRO — SABBADO, 3 DE FEVEREIRO DE 1940



O “SÔDADE DO CORDÃO”, um grande espectáculo de arte popular

Segunda-feira a apresentação da original iniciativa do
maestro Villa Lobos, sob o patrocínio do D.I.P.

Recortes de O JORNAL de 03/02/40.

Uma das agremiações mais queridas dos foliões cariocas é, sem dúvida, o ‘Sôdade do Cordão’, fundado em 1939 pelo maestro Villa-Lobos.

Há dez anos, portanto, participa dos desfiles de segunda-feira gorda, juntamente com os ranchos, com os seus figurantes vestidos de índios, mas com fantasias de índios autênticas. Lutando com dificuldades de toda sorte, os componentes do ‘Sôdade do Cordão’ sempre merecem aplausos do povo, pela beleza do cortejo que apresentam. Este ano, contudo, o ‘Sôdade do Cordão’ foi surpreendido com a notícia de que não contaria com a ajuda da Prefeitura. Os cinco mil cruzeiros que costumam receber

os seus dirigentes não constam da relação de despesas da Comissão de Carnaval. E o presidente do 'SÔDADE do Cordão', Sr. Antonio Beraldo, teve ocasião de falar sobre as novas dificuldades:

“– Justamente este ano, com as hervas brancas custando oitocentos cruzeiros o quilo – já gastamos cerca de seis mil cruzeiros – é que tive a notícia da falta de verba. Em todo caso não desanimei e ainda espero que o general Mendes de Moraes, com o seu espírito de justiça, venha ordenar o pagamento do nosso auxílio, como sempre tem acontecido. O governador da cidade naturalmente atenderá ao apelo que dirijo por intermédio d'O Globo. Será mais um serviço que S. Ex. presta ao Carnaval carioca, que tem no 'SÔDADE do Cordão' um dos seus blocos mais expressivos.”

Villa-Lobos tocando cuíca entre outros instrumentos musicais.



Figuras do Cordão de 1940

Formaram o Cordão as seguintes figuras:

Grupo de Índios e Caboclos

José Gomes da Costa (Cacique-Chefe)

Annita Otero (Rainha dos Caboclos)

Joaquim dos Santos (Cacique)

Manoel Marinho dos Santos (Pajé)

João da Matta (Tupan)

40 índios e caboclos

14 sapos-homens

Grupo do Cordão dos Velhos (velhos e velhas)

Delfino Euzébio Coelho,

Gastão Ferreira da Silva,

Valentim José Marcellino,

Geraldina Gomes da Costa (mulher de Zé Spinelli),

Dalvina Regis, Wilson Gomes da Costa (filho de Zé Spinelli),

Alberto Ribeiro da Motta,

Alamiro Honorato da Motta e

Francisco de Mello Albuquerque

Palhaços

Francisco Henrique dos Santos,

Wenceslao Rodrigues,

Lourival Gomes da Costa (parente de Zé Spinelli),
Claudionor Rodrigues Marcellino,
Valentim Bento Gonçalves,
Balduino dos Santos Júnior e
José Domingos do Amorim

Sargentos

Antenor dos Santos, Joaquim Vieira,
10 diabinhos e 2 morcegos (um destes morcegos era
Crispim Gomes da Costa, filho de Zé Spinelli).

Rei do Diabo

Roque Olivio Gomes

Rainha dos Diabos

Gabriel Rufino Ribeiro

Mestre de Canto e Bateria

Boaventura dos Santos.

2º Mestre

Oswaldo Cardoso.

40 executantes

(bateria e coro).

Fonte: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 fev. de 1940.

Figurinos inéditos criados pela artista
Maria Carmen Alves Pereira de Souza
para o bloco **Sôdade do Cordão**
na versão de 1987.

A handwritten signature in black ink on a white, rectangular card that is tilted at an angle. The signature reads 'Carmen 87'. The word 'Carmen' is written in a cursive script, and '87' is written in a simpler, more upright style to the right. A long, thin vertical line extends downwards from the bottom of the 'C' in 'Carmen'.



Figura de índia, idealizada por
Maria Carmen, 1987.

Ao lado, ala das colombinas na concentração do bloco no centro da cidade.

Abaixo, figuras de Colombina e Palhaço.



Figuras de Carrasco e Dominó.





Embaixo, figurinos de Clóvis, Sapo, Caveira, Diabo e figurantes da Banda e Bateria. Ao lado, foto de componentes da bateria no desfile de 1987.





Ala dos Arlequins na concentração do bloco do Sôdade no centro da cidade, em 1987

Figurino de Arlequim

Representações de Índios





À esquerda, Pierrô, acima à direita, Morcego, acima Carrasco e à esquerda em baixo, Vampiro, idealizados por Maria Carmen, 1987.



Sôdade do Cordão: 1987

A procura de eventos marcantes para festejar o centenário de Villa-Lobos preocupava Turíbio Santos. Como diretor do Museu Villa-Lobos e o maior divulgador da obra violonística do compositor no Brasil e no exterior, cabia-lhe uma grande responsabilidade para fixar essa data. Ele percebeu que os eventos principais dessa comemoração seriam, de preferência, a criação e recriação de obras de Villa-Lobos para orquestra, música de câmara, instrumentos, mas também algum fato marcante da vida dele. A reconstrução que o maestro fez do cordão de 1940 bem mostrava seu amor pelas raízes da cultura brasileira. Valia, então, reconstituir o bloco em 1987, ainda mais pela proximidade da data com o carnaval. Além disso, havia os contatos com elementos que conheciam muito bem a estrutura do desfile anterior e poderiam dar uma ajuda forte.

Com base nessa idéia, fez-se o Projeto Centenário de Villa-Lobos - SÔDADE do Cordão, e criou-se uma equipe, liderada por Turíbio Santos. Ela se constituiu de Fernando Pamplona, Frederico Bonfatti Teixeira Monteiro,

Grace Elizabeth, Janio Paulo, Ligia Santos, Luís Fernando Zugliane, Marcelo Rodolfo, Marcia Ladeira, Maria Cristina Mendes, Mário Lago Filho, Mário Otávio Vieira, Martha Clemente, Paulo Gouveia e Valdinha Barbosa. Teve também o apoio de personalidades como Mário Lago, Sérgio Cabral, Albino Pinheiro, Hermínio Belo de Carvalho. Houve, ainda, a participação de muitos músicos, como Paulo Moura, Wagner Tiso, Macalé e Martinho da Vila, que desfilaram no bloco.

E assim, em meio a todas as outras notícias que ao longo do ano trouxeram à baila o nome e a obra do festejado artista, a imprensa não tardou a veicular matéria referente ao ressurgimento do bloco.

Diz o *Jornal do Brasil* de 20/01/1987:

Como num mágico movimento de batuta, o Museu Villa-Lobos incorpora seu homenageado e reedita seu gesto. O SÔDADE do Cordão volta a sair no Carnaval de 87, ano do centenário do compositor, com desfile certo no dia 5 de março (data de seu aniversário), uma quinta-feira após cinzas.

Constituído o projeto e organizada a equipe, vieram os participantes. Movidos pelo entusiasmo, muitos deles trabalharam gratuitamente, na base do voluntariado. Sem essa disposição, certamente o resultado teria sido diferente, pois sempre escasseiam os meios para as manifestações culturais. Em grande parte as pessoas pagaram suas próprias fantasias, de modo que o Museu teve que arcar com despesas relativamente baixas. Na verdade, o bloco se autofinanciou. Mas houve uma ajuda por parte da Pró-Memória e outra da PR Marketing.

Foi fácil para o Museu Villa-Lobos arregimentar gente para essa homenagem, ainda mais pela forma de que ela se revestia e sobretudo considerando-se a proximidade do evento com o carnaval. Só de ouvir falar do festejo, muitas pessoas se candidatavam espontaneamente. Um exemplo é o de Silvio Cecotto, que chegou ao Museu graças ao noticiário da imprensa sobre o SÔDADE do Cordão.



Concentração do "Sôdade do Cordão" sob os Arcos da Lapa, Centro do Rio de Janeiro.

Carro Abre Alas, do "Sôdade do Cordão" estacionado em Botafogo, Rio de Janeiro.





Nascido a 29 de novembro de 1901, ele representa um verdadeiro arquivo da memória nacional carnavalesca. É capaz de cantar várias músicas de cordões do início do século, que pela importância documental foram transcritas. Ele vem tendo participação ativa nos festejos carnavalescos de todas as épocas, pois tinha 11 anos quando desfilou pela primeira vez. Fez parte de vários cordões das primeiras décadas do século: Monte Serrat, Caboclo Pequeno, Paraíso da Mocidade, Guerreiros de São Diogo. Silvio Cecotto, em 1987, era diretor dos ranchos União dos Caçadores e Recreio da Saúde. Autor de diversas marchas, ganhou um prêmio com a marcha-rancho *Saudação à Nobreza*, composta para o desfile dos Unidos do Morro do Pinto. Compôs também uma música específica para o desfile do centenário do maestro.

Ala do “Sôdade do Cordão” em desfile pelo centro do Rio de Janeiro.

Contudo, nem todos os foliões tinham a mesma prática desse carnavalesco ou se apresentaram ao Museu com base nas mesmas fontes de informações. Em boa parte das vezes, membros já engajados na equipe traziam novos aderentes.

Isso gerou uma grande dificuldade no momento de fazer o levantamento de quem participou dessa homenagem. Nas fichas de inscrição do Museu, muitas vezes não constava o nome da pessoa ou alguma indicação mais precisa. Vinham apenas dados como: filhos do Bira, namorado da filha da

Músicas dos antigos cordões carnavalescos, cantadas pelo Sr. Silvio Ceccoto e grafadas pela autora.
Cordões “Chuveiros do Inferno”, “Castelo de Ouro” e “Paraíso da Mocidade”

Cordão "Chuveiros do Inferno"

1914 - Bairro da Praça XI

(Cidade Nova)

On - de tu vais — mo - - re - na? — On - de tu

vais com tanta pres-sa assim — On-de tu vais chu-veiros do in-fer-

- - no — re-gar as flo-res des-te meu jar-dim —

Cordão "Castelo de Ouro"

antes de 1910 - Bairro da Praça XI

(Cidade Nova)

Lin-da mo - re-na on-de vais vou pas-se - - ar, — vou ver a ro-sa no jar -

- dim vou pande - gar — as fo-lhas de - las — são bri - lhan - ti - nas cas -

- te - lo de ou-ro á - - gua de ca - í - da — as fo-lhas í - da —

1ª vez 2ª vez

Cordão "Paraíso da Mocidade"

1918 - Bairro da Praça XI
(Cidade Nova)

Vem — mo - re - - - na, — que eu que - - ro ver

— teu ri - - - so — sou eu — a mo - ci -

da # de — que # bri - lha no pa - - ra - - - i - - -

- so — Verr — mo - re - - - na — ve-nha ver o que é

— de be - le - - - za — nós so mos — de São Di -

o - go — on - de # pos - sui - mos to - - - da ri - que - - - za.

Raquel, empregada da Helena, e assim por diante. Há muitas referências a parentescos e amizades diretas ou indiretas. Nota-se a presença maciça da família, impondo suas relações em detrimento dos nomes próprios de cada um. É interessante notar um procedimento tão comum em comunidades pequenas ou cidades do interior reaparecendo no bojo de um evento promovido por um centro intelectual que não guarda resquícios de tal civilização. Isso prova que no SÔDADE a família voltou a ter vez e o relacionamento humano ganhou outra dimensão, em contraste com o gigantismo desagregador do carnaval de hoje, que induz ao anonimato.

Notou-se também que o bloco agregou pessoas de todos os segmentos sociais, econômicos e culturais com a mesma meta: a de homenagear Villa-Lobos. Os participantes se despiram de todas as barreiras, que tomaram atrás das máscaras e fantasias, trajadas igualmente por empregadas domésticas e porteiros, professores e artistas, funcionários públicos e intelectuais, crianças e adultos. Entre tantos entusiastas, estava Mr. Wallace Keiderling, Adido Cultural norte-americano e exímio tocador de balalaika, que desfilou com toda a sua família, pois tem o hábito de participar das atividades folclóricas e culturais dos países em que tem estado.

A coordenação do projeto e a responsabilidade da pesquisa couberam a Ligia Santos, museóloga e pesquisadora na área de música popular brasileira. Não pretendeu realizar uma detalhada reconstituição do bloco de Villa-Lobos porque isso demandaria uma enorme e longa pesquisa técnica, que se arriscava a ser caríssima e talvez não contasse com documentos suficientes. Partiu então para uma reconstrução do espírito adotado pelo maestro, que era reviver uma síntese dos carnavais antigos. Com isso pôde ser feita uma adaptação às condições de viabilidade atuais, sem prejuízo do festejo.

Quando o bloco ficou decidido, um dos guardas da segurança do Museu ofereceu um samba-enredo feito por ele, obedecendo a todas as regras da arte e falando de Villa-Lobos e Turíbio Santos. Só não pôde ser aproveitado por causa da incompatibilidade com o tipo de música adotado nos cordões. O compositor é o vigilante Carlos Ribeiro Guimarães, que desfilou na ala dos velhos com fantasia cedida pelo Museu.

A responsabilidade pela seleção do repertório musical do bloco coube a Ligia Santos junto com Raquel Ramallete, professora universitária muito ligada ao carnaval e que exercia atividades semiprofissionais na área de música popular. Com base nos critérios definidores para a versão de 1987, escolheu-se marcha-rancho, marchinha e algumas peças de Villa-Lobos que poderiam funcionar com esses ritmos, como o *Canto do Pajé* e a *Senhora Rainha*. As demais músicas selecionadas recaem sobre algumas do início do século ou sobre clássicos do carnaval carioca de todos os tempos. Além das duas obras de Villa-Lobos já mencionadas, incluem-se: *SÔDADE do Cordão*, feita especialmente para o bloco, e mais *Zé Pereira*, *Ó raio, ó sol*, *Ó abre-alas*, *Pastorinhas*, *A jardineira*, *Mamãe eu quero*, *Hino ao carnaval brasileiro*, *Mal-me-quer*, *Alá-lá-ô*, *Aurora*. As respectivas partituras e letras se encontram ao longo deste volume.

O *Canto do Pajé*, de Villa-Lobos e Paula Barros, foi composta por Villa-Lobos para coro a três vozes iguais. Baseia-se na música primitiva dos aborígenes brasileiros, com fragmentos da música popular espanhola, de acordo com indicações de Villa-Lobos na partitura. Ambientada também para banda e orquestra de violões, esta música transformou-se, pela preferência de alunos, em peça obrigatória da maioria das concentrações orfeônicas da época de Villa-Lobos. Integra o primeiro volume da obra *Canto Orfeônico*, da autoria do maestro, tendo sido editada pela Vitale em 1940.

Senhora Rainha, de Villa-Lobos e Hermínio Bello de Carvalho, é encontrada no primeiro volume do *Canto Orfeônico* sob o nº 21, com o nome de *Desfile aos Heróis do Brasil*, tendo como autores Villa-Lobos e Paula Barros. O poeta Hermínio Bello de Carvalho inseriu pequenas modificações de ordem rítmica e valorizou mais a linha melódica de Villa-Lobos, com um texto bem mais apropriado e poético. Foi gravada por Altemar Dutra e o grupo Rosa de Ouro.

A composição *SÔDADE do Cordão* foi feita especialmente por Silvio Cecotto, para homenagear Villa-Lobos e para o desfile do SÔDADE do Cordão 87.

Sôdade do Cordão

Silvio Cecotto

A - bre a ja - ne - - la - - - vem a - - pre - ci - ar - - - é o Sô

- da - de do cor - - dão - - - que já vai pas - sar - - -

é o Sô. (ar), be - la ho - me - na - - gem - - - des - - te

Ri - o de Ja - nei - ro - - - ao ma - - es - tro Vil - la -

Lo - bos - - - es - te gran - de bra - si - lei - ro - - -

ao ma - - lei - ro - - - A

1ª vez 2ª vez Fim 1ª vez 2ª vez Ao 8va e ao Fim

A composição SÔDADE do Cordão
feita especialmente por Silvio
Cecotto para o desfile do
SÔDADE do Cordão 87.

Repertório selecionado por Ligia Santos e Raquel Ramallete, grafado pela autora.

Ó Abre alas

Chiquinha Gonzaga

Ó a-bre a-las que eu que-ro pas-sar Ó a-bre

Eu sou da Li-ra não pos-so ne-gar Ro-sa de

Ou-ro é que vai ga-nhar Ó a-bre -nhar

Canto do Pagé

Villa-Lobos e Paula Barros

Ó ma-nhã de sol, A-nhan-gá fu-giu, A-nhan-gá hê hê,

Ah foi vo-cê, quem me fez so-nhar, pa-ra cho-rar a mi-nha

ter-ra, Coa-ra-ci hê hê, A-nhan-gá fu-giu Ó Tu -

-pã Deus do Bra-sil, que o céu en-che de sol, de es-tre-las de lu-

ar, e de es-pe-ren-ça Ó Tu - pã ti-ra de mim es-te sau-

da de, A-nhan-gá me fez so-nhar co-ma ter-ra que per-di

Pastorinhas

João de Barro e Noel Rosa

Aes-tre-la d'Al-va, no céu des-pon-ta e a lu-a an-da
ton-ta com ta-ma-nho es-pen-dor e as pas-to-
ri-nhas pra con-so-lo da lu-a vão can-tan-do na
ru-a lin-dos ver-sos de a-mor Lin-da pas-
to-ra, mo-re-na da cor de Ma-da-le-na, Tu não tens
pe-nã, de mim que vi-vo ton-to com o teu o-l-
har, Lin-da cri-an-ça, tu não me saís da lem-bran-ça
Meu co-ra-ção não se can-sa de sem-pre e sempre te a-
mar Aes-tre-la -mar

Clássicos do carnaval selecionados por Ligia Santos e Raquel Ramalhete, grafadas pela autora.

A pequena e simples estrofe do *Zé Pereira* transformou-se, com o passar dos anos, numa espécie de hino do carnaval brasileiro, para sempre ligada à grande festa do povo, no Rio de Janeiro e em todo o país. Baseada em melodia importada e nascida no palco, sua estrofe-refrão torna-se a primeira música inteiramente ajustada ao carnaval.

De acordo com Edigar de Alencar, até meados da segunda década deste século o *Zé Pereira* serve de abertura, encerramento e clímax a todas as folganças carnavalescas de rua ou de salão.

Ó raio, ó sol é uma chula de palhaço que remonta ao ano de 1882. De lá para cá, vem sofrendo modificações populares e continua dominando, por muito tempo, o carnaval carioca. Era utilizada para apontar os que se mascaravam de velhos.

Ó abre-alas, de Chiquinha Gonzaga, é a marcha-rancho que já seria sucesso em 1899 e considerada a primeira composição escrita para os festejos momísticos. Trata-se de um verdadeiro clássico da música popular brasileira. Segundo Edigar de Alencar, *Ó abre-alas* é a cantiga preferida do povo em 1901.

Pastorinhas, de João de Barro e Noel Rosa, data do carnaval de 1938 e inicialmente intitulava-se *Linda pequena*. Lançada em 1937, não alcança nenhum êxito. Após a morte de Noel Rosa, João de Barro muda seu nome para *Pastorinhas*. Em 1938, com gravação de Silvio Caldas, recebe da Prefeitura do Distrito Federal o primeiro lugar. Transformou-se, com o passar dos anos, num hino do carnaval carioca.

A marchinha *A jardineira*, de Benedito Lacerda e Humberto Porto, foi gravada por Orlando Silva em 1939 e alcançou o maior êxito. De acordo com Edigar de Alencar, ela provocou celeuma porque os compositores, embora de valor próprio, calcaram a marchinha num motivo popular que já fora sucesso carnavalesco em 1905. Parece que seu primeiro autor legítimo é o velho Candinho das Laranjeiras, fundador em 1896 do cordão Flor ou Filhos da Primavera, que já em 1906 cantava esses versos tão disputados. Houve vários aproveitadores do motivo poético e da melodia, até mesmo em versos paródicos cantados com a mesma música.

Mal-me quer

Cristovão de Alencar e Newton Teixeira

Eu _____ per - gun - tei ao mal - me - quer _____ se meu

bemain - da me quer _____ e - le en - tão me res - pon - deu _____ que

não, _____ cho - rei _____ mas de - pois eu me lem - brei _____

que a flor tam - bém é u - ma mu - lher _____ que nun - ca te - ve co - ra -

- ção _____ A flor mu - - lher _____ i - - lu -

diu meu co - ra - ção _____ mas meu a - - mor _____ é u - ma

flora - in - da em bo - tão _____ o seu o - - lhar _____ diz que

e - la me quer bem _____ o seu a - - mor _____ é só

meu de mais nin - guém _____ ^{1ª vez} _____ D.C. ^{2ª vez} _____ guém. _____

Ó raio ó sol



Ó rai-o ó sol sus-pen-de a lu-a bra-vos ao ve-lho que es-tá na
ru-a, Ó rai-o ó sol sus-pen-de a lu-a o -lha o pa-lha-ço que es-tá na ru-a.

Jardineira

Benedito Lacerda e Humberto Porto



Ó jar-di-nei-ra por-que es-tás tão tris-te? Mas o que
foi que te a-con-te-ceu foi a ca-mé-lia que ca-iu do ge-
lho deu dois sus-pi-ros e de-pois mor-reu foi a ca-
reu Vem jar-di-nei-ra Vem meu a-mor
Não fi-ques tris-te que es-te mun-do é to-do teu, Tu és muito mais in-
ú-ni-ta que a ca-mé-lia que mor-reu Ó jar-di-reu

A-la-lá-ô

Heroldo Lobo e Nássara

A-la-lá-ô

Heroldo Lobo e Nássara

1ª vez 2ª vez Fim

A-lá lá ô ô ô ô ô ô Mas que ca- ô

-lor ô ô ô ô ô

A-tra-ves - san-do o de - ser-to de Sa - - a-ra o sol es-ta-va

quen-te e quei - mou e nos-sa ca-ra A-la lá Ao e Ao ô

Vi - - e - mos do E-gi - - to e mui-tas ve-zes nós ti -

- ve-mos que re - - zar, A - lá A - lá A - lá meu bom A - - lá,

Man - de á - - - gua pra iô - iô Man-de á - - - gua pra iá - - iá

A - - lá meu bom A - lá A - lá lá Ao e ao Fim

Aurora

Roberto Roberti e Mário Lago

Se vo-cê fos-se sin - - ce-ra — ô ô ô ô — Au - - ro-ra —

— ve-ja só que bom que e-ra — ô ô ô ô — Au - ro-ra —

— Se vo-cê fos-se sin - ro-ra — Um lin-do a-par-ta-men-to com por -

- tei-ro e-le-va-dor e ar re-fri-ge-ra-do pa-ra-os di-as de ce-lor Ma -

- dame antes do no-me vo - cê te-ri-a a-go-ra — ô ô ô ô —

— Au - ro-ra — Se vo-cê fos-se sin -

— ro-ra —

1ª vez

2ª vez

Ao E ao

Fim

Hino ao Carnaval Brasileiro

Lamartine Babo

Sal - - ve a mo - re - - na a côm - - re - na do Bra -
 - sil fa - guei - - ro Sal - - ve o pan - dei - - ro
 — que des - ce o mor - ro prá fa - zer a mar - ca - - ção. São
 são são são — quinhentas mil mo - re - - nas — loi - ras —
 — cor de la - - ran - ja cem mil — Sal - - ve, — sal - - ve — meu car - ne
 val Bra - sil — D.C. ao — Meu car - na - val — Bra - sil ,

Zé Pereira



Mamãe eu quero

Vicente Paiva e Jararaca



Senhora Rainha

Villa-Lobos e Herminio Bello de Carvalho

As es - tre-las do chã-dos seus o-lhos Se-nho-ra ra - i-nha eu que-ro bei-
 jar — E já tar-das-ta noi-te ó Se-nho-ra ra - i-nha da ro-sa bor-
 -da-da de sol — e a lu-a á es-prei-ta no céu de-bru-ça-da no
 mar es-pe-ran-do vo-cê, — nós que-re-mos co-lher e de-pois o-fer-
 -tar es-ta ro-sa de ou-ro a vo-cê — nós que-re-mos co-lher e de-
 -pois o-fer-tar es-ta ro-sa de ou-ro a vo-cê — As es-
 -cê — Es-te é o tem-po da mais ró - - sea pri-ma-ve-ra dos gor-
 chu-va que es-cor-rer — vai pra-te-ar — to-dos
 -jei-os dos mais lin - - dos rou-xi - nois — es-te é o tem-po ó Se-nho-
 cam-pos on-de houver — u-ma es-pe-ran-ça e quan-do ou-tra pri-ma-ve-
 - - ra ma-je-s-ta-de de doi-rer to-das pe-dras do chão — E a
 ra des pon-tar — ou-tra ro-sa de
 ou-ro vi-rá — As es
 céu.

Benedito Lacerda e Humberto Porto aproveitaram inclusive a frase que lhe dava motivo: “*foi a camélia que caiu do galho*”. Essa expressão logo se tornou popular e passou a ser aplicada com muito humor à política e à administração.

Mamãe eu quero, de Vicente Paiva e Jararaca, tornou-se uma verdadeira coqueluche do povo no ano de 1937. E rompeu com um preconceito, pois Jararaca, ligado às canções regionais, não era considerado um intérprete aproveitável para a música de carnaval. No entanto, esta marchinha nitidamente carnavalesca foi consagrada como a música de maior sucesso nesse carnaval. O grande êxito obtido teve como principal razão a interpretação personalíssima de Jararaca.

Com o *Hino ao carnaval brasileiro*, Lamartine Babo pretendia criar uma espécie de hino do carnaval brasileiro de todos os tempos, tanto no Rio de Janeiro como no Brasil. Cantada por Almirante, obtém grande sucesso. Porém, passado o carnaval de 1939, é esquecida. Esta peça de Lamartine é um elogio e uma reverência à mulher morena, loura ou mulata, gênero que ele tão bem dominou e explorou.

Mal-me-quer, de Newton Teixeira e Cristovam de Alencar, gravada por Orlando Silva para o carnaval de 1940, é uma das mais inspiradas composições daquele ano, considerado forte no setor musical. A proibição existente na época quanto ao uso de temas políticos levou os motivos folclóricos e líricos a aparecerem com frequência nas músicas populares.

A marcha *Alá-lá-ô*, de Haroldo Lobo e Nássara, foi gravada por Carlos Galhardo em 1941, ano que não apresentou muitas músicas carnavalescas por causa do clima da guerra. Transformou-se logo num grande sucesso. Verdadeira súplica dos carnavalescos frente aos balcões de bebidas, abriu caminho para os pedidos a Alá. Daí em diante, este tipo de invocação passou a ser muito comum no carnaval.

Aurora, de Roberto Roberti e Mário Lago, foi gravada por Joel e Gaúcho. É de fácil assimilação e pertence também ao carnaval de 1941, juntamente

Figurino dos elementos da bateria,
criado por Maria Carmen.



Carro Abre Alas, do “Sôdade do
Cordão”, em desfile pela rua do
Passeio - Centro do Rio



com *Ala-lá-ô*. Foram as duas marchas de destaque desse ano e conservaram alto nível de qualidade, sendo consideradas verdadeiros clássicos do carnaval carioca. Ambas receberam os prêmios da Prefeitura do Distrito Federal.

Além da seleção musical, a equipe se ocupou de vários outros aspectos do bloco. Os ensaios de quadra se realizaram no Instituto Santo André, que emprestou o local. Esse educandário já possuía uma relação com Villa-Lobos, visto que o maestro compôs o seu hino, que recebeu letra do poeta Manuel Bandeira.

Para a harmonia e o ensaio de quadra o SÔDADE do Cordão contou com o artista plástico Sergio Pinto e seus irmãos Aluizio e Wilson, que já trabalharam muito com a Velha Guarda da Mangueira. Esta função tem máxima importância no bloco, pois quem a exerce deve se ocupar da coesão e entrosamento do grupo, separar as alas e animar o conjunto.

Antes da incorporação desses participantes houve uma pequena dificuldade inicial: os primeiros ensaios da bateria só contaram com a presença da garotada dos blocos do animado carnaval de rua de Botafogo, mas eles conheciam apenas o ritmo do samba. Porém, com certa disciplina e alguma persistência, o problema foi resolvido com êxito. E tornou-se um prazer ouvi-los comentar as diferenças entre as várias batidas. Dentre esses jovens estava Marcos André Ferreira Gonçalves, garoto de doze anos que trabalhava como ajudante de mecânico e dirigia a bateria-mirim da Escola São Clemente.

A bateria propriamente dita, com cerca de 30 componentes, foi trazida e dirigida por Sergio Gonzaga, um funcionário público que faz carnaval de rua na Arnaldo Quintela e já exerceu aquela função no Bloco da Fronha, onde desfilava a comunidade de Botafogo antes de seus componentes passarem para a São Clemente. Ele ainda acrescentou ao SÔDADE mais umas 80 pessoas, a maioria crianças, que desfilaram na ala dos diabinhos.

Ala dos Índios, do “Sôdade do Cordão”, em desfile pela rua do Passeio - Centro do Rio



Quem recebeu a incumbência de cuidar do enredo, juntamente com Ligia Santos, foi Maria Carmen Alves Pereira de Souza, a *Carminha*, figurinista e cenógrafa premiada. Ela fez também o desenho do estandarte da Vitória-régia e os figurinos. O carro abre-alas e as alegorias de mão e de carro – os tripés – correram por conta do cenógrafo Marinho (Osmar João Pereira), profissional com grande experiência de carnavais anteriores. Suas alegorias pontearam as subdivisões do bloco.

Por não ser um bloco de sujo, o SÔDADE 1987 tinha como enredo o mesmo de 1940: Recordação do Passado. Mas, na verdade, sua estrutura para o desfile foge ao cortejo de Villa-Lobos e se aproxima da escola de samba, por causa da definição das mini-alas. Essas alas eram as idéias dentro do Cordão. Por sua própria natureza, algumas eram mais livres que as outras. Para facilitar o entendimento do público, à frente de cada uma delas foi colocado um estandarte sobre tripés, à guisa de citação. Havia quatro idéias, subdivididas em várias alas.

A primeira parte do bloco, encabeçada pelo abre-alas “Villa-Lobos e o grupo carnavalesco SÔDADE do Cordão saúdam o povo e pedem passagem”, concentrava temas ligados aos índios e à floresta amazônica. Por isso, continha alas de índios tropicalistas ou não, caboclos e baianas. Seus três estandartes representavam os Cucumbis, a Vitória-régia e a Máscara do Índio Enfurecido. Já a segunda parte continha três subgrupos: o dos cordões de velhos, o cortejo do inferno com rei, rainha e vários diabinhos, e o dos velhos carnavais, que retomava o carnaval de Veneza



Índios do “Sôdade do Cordão” 87 em desfile.

através de figuras como pierrô, arlequim, colombina, palhaço e clóvis. Esta parte apresentou dois estandartes: Cordão dos Velhos e Antigos Carnavais.

O bloco explorou muito o verde e o amarelo, para jogar com a brasilidade de Villa-Lobos. Para reforçar aquelas cores, foram também usados o preto e o branco, mais neutros. Porém a ala relativa ao inferno apresentou-se em vermelho, por uma questão de coerência. De uma maneira geral, havia em cada ala no máximo 15 pessoas com cada tipo de roupa. Esta estimativa, contudo, não é muito rígida, pois o número de adesões que o entusiasmo pelo projeto acarretava levou a uma certa elasticidade, ocasionando ao final a permissão para fantasias adaptadas, desde que não destoassem do todo. Também o número de participantes previsto originalmente foi multiplicado, o que significava um êxito no empreendimento.

Além de Villa-Lobos, os destaques de 1940 também foram homenageados na versão do centenário, como bem anuncia o *Jornal do Brasil* de 14/02/1987:



Carlinhos de Jesus no “Sôdade do Cordão”, em desfile pela rua do Passeio - Centro do Rio

Com grande produção cênica e musical o SÔDADE do Cordão, anos depois de seu primeiro desfile, tem o mesmo enredo com que o bloco se apresentou em sua primeira passagem: Recordação do Passado.

A índia destaque será a atriz e bailarina Rita Freitas, que estará ocupando o lugar que no passado foi da atriz Anita Otero.

O Mestre-Sala Cacique será o bailarino Carlos Jesus, que vai reviver José Espinguela. O grande passista de 1940 foi Perna-Fina, que será homenageado por Carlos Ramos, também bailarino.

Como fonte de inspiração para a criação das fantasias, o grupo do Museu Villa-Lobos tem 17 aquarelas pintadas por Di Cavalcanti, a pedido de Villa-Lobos, e que representam figuras marcantes nos cordões.

Ao reviver a antiga Rainha dos Caboclos, Rita Freitas não reproduziu exatamente a dança de Anita Otero, mas adaptou seu desempenho ao espírito da segunda versão do bloco. Assim, contracenou com o novo Zé Espinguela, Carlos Augusto Silva Caetano de Jesus, que desenvolveu uma coreografia de base indígena, adequada ao seu personagem. Quanto a



Walter Fonseca, naquela época com 73 anos, caracterizado como índio.

João Carlos da Silva Ramos, vestiu um traje de palhaço dourado e abriu o bloco na Arnaldo Quintela. Porém no segundo desfile preferiu ficar mais para o meio, por causa da proximidade com o som da bateria, que favorecia as suas circunvoluções. Elas precisavam ser marcantes, pois o personagem que ele representava era conhecido pela capacidade de desenvolver as letras do alfabeto com as pernas.

A ala dos caboclos caracterizava-se pelo cunho de autenticidade, obtido graças à presença de Walter Fonseca, naquela época com 73 anos. Ele descende de índios e seu bisavô foi caçado a laço. Por isso tem uma tradição de só desfilar vestido com aqueles trajes, tendo começado aos 10 anos de idade, no Morro da Matriz, onde mora há mais de 60 anos.

Formou sob sua responsabilidade um grupo de descendentes de índios, atualmente 30 caboclos que saem sempre com ele. Sua tribo é antiga e ele próprio confecciona as fantasias, feitas de siriema legítima. Ele trouxe para o SÔDADE do Cordão duas tribos, ou seja, 58 caboclos.

Logo atrás dos índios e na frente da ala das índias vinha, com duas companheiras, Marcia Milhazes, bailarina que criou o Balé Carioca, inaugurado em 1986 com o espetáculo Dançando Villa-Lobos. Portanto, já estava familiarizada com a equipe e o trabalho do Museu, integrando-se perfeitamente ao desfile.

O bairro participou e vibrou intensamente com o bloco. Por isso, em sinal de retribuição, o SÔDADE do Cordão fez seu primeiro desfile dia 3 de março, segunda-feira de carnaval, na Rua Arnaldo Quintela, que é o foco do carnaval tradicional de Botafogo.

No entanto, o que mais chamou a atenção foi o inusitado desfile do bloco no centro da cidade, na data do centenário de Villa-Lobos, dia 5 de março de 1987. Era uma quinta-feira após Cinzas e o bloco se exibiu depois do horário de trabalho das repartições. O grupo partiu do Circo Voador e fez, aproximadamente, o roteiro sentimental do percurso de 1940: Rua do Passeio, Rua Santa Luzia, Avenida Graça Aranha, Rua Araújo Porto Alegre, para terminar em frente ao Bar Amarelinho.

Sua passagem provocou entusiasmo entre os participantes, suscitou emoção e reminiscência entre os que assistiam e atraiu transeuntes. Dentre estes ressalte-se o senhor idoso, elegantemente trajado de terno e gravata, aparentemente um executivo, que se incorporou ao grupo e dançou até o fim.

A preparação do bloco gerou muita dedicação nos trabalhos e muita alegria nas pessoas. Só se via o prazer da festa, mas uma festa motivada por profundas razões culturais, que identificava as pessoas com a cidade, o bairro, o Museu, o compositor, o país. O bloco foi um comovente elemento catalisador de todo esse esforço, que integrou definitivamente o Mu

seu Villa-Lobos na comunidade do seu bairro e marcou sua presença na cidade.

A novela “Roda de Fogo”, em cartaz na TV Globo no ano de 1987, também homenageou o centenário de Villa-Lobos. O ator Mário Lago, através de seu personagem (Antônio Villar), contracenando com Tarcísio Meira (o filho Renato) e relembrando os velhos tempos, fala da última vez que brincou no carnaval, em 1940, no bloco SÔDADE do Cordão, criado por Villa-Lobos.

O SÔDADE do Cordão versão 1987 teve uma função muito importante: resgatou um carnaval lúdico, sem concurso, mais autêntico, que aglutinou todas as camadas sociais liberando-as de barreiras, conforme o sentido primitivo dessa festa. Ao mesmo tempo, mostrou que é possível dançar pelo prazer de brincar, sem a sensualidade ostensiva que tomou conta do tríduo de Momo.

Dois palhaços do “Sôdade do Cordão”



Relação dos Participantes de 1987

Conforme as Fichas de Inscrição do Museu Villa-Lobos

Arlequins

Ana Lúcia Milhomens, Antonia Barbosa, Betina Boetger, Bruno Boetger, Cláudia Marchesi, Claudia Dottori, Dinorah de Almeida, Diva Dulcelina, Doriane Calvet, Ella Grinsztein, Eliseo Camargo, Giovanna Rosso del Brenna, Geny Nicolavsky, Giulia del Brenna, Henri Bataillard, Lenian Boetger, Luciana Helena Sobral, Maria Tereza Duarte, Marlene Aguiar, Marli, Regina Vieira, Roberto Boetger, Rodrigo Boetger.

Banda

Andrea, Aninha, Eduardo, Helena, Ivan, Luiz, Mag, Valesca.

Bateria

Amigo da Vitória, Camilo, Carlos Negreiros, Carlos Eduardo Mendes de Jesus, Luiz Sérgio do Buraco Quente, Marcelo Fortuna, Martinho da Vila, Nelsinho, Presidente do bloco da Arnaldo Quintela e mulher, Raquel Ramalhete, Robson Lobianco, Sérgio (responsável pela bateria da Arnaldo Quintela), Turíbio, Walter Luiz.

Caveiras

Azvete Fogaça, Jurema Barbosa Diório.

Carrascos

Casey Keiderling, Maria Teresa Moraes, Wallace Keiderling.

Clóvis

Álvaro Márcio Guerra, Camilo Augusto Siqueira, Christina Boller, Elaine Fernandes, Elizabeth Coelho Lente, Fátima Maria da Veiga, Hermínio, Márcia Ancora da Luz, Marta Ramalhete, Solange Jansen, Graça (irmã do Mário Lago Filho).

Colombinas

Anna, Ana Alice Pinto, Ana Maria Quintanilha Drumond, Carmen Lent, Débora Alvarez Valente, Edialeda Nascimento, Fernanda Rachel Costa Figueiredo, Heloísa, Jan Lira, Lisa Laureano, Karina Pinto, Lúcia Maria Sobral Duarte, Márcia França Ribeiro, Maria Auxiliadora Ramos Moretti, Maria Cristina Fernandes, Maria do Rosário Galhardo, Maria das Graças Santos, Maria Helena dos Santos, Regina, Sandra Santos, Sonia Aguiar Lopes, Sula Dain, Soeli Baldez de Moura, Sulema Mendes de Budin, Vitória Alice Teles dos Santos.

Diabinhos

Alexandre Nicolavsky S. dos Santos, Felipe Fernando Figueiredo Lobo, filhos da Heloísa (3), filha do Serra da Bateria, Jair (filho do Bira), Lúgia Mariana Ford, Wladimir Fogaça, Sonia Regina dos Santos Oliveira.

Dominós

Amélia Zaluar, Janet Landseth, Marcelo P. Carpilovsky, Mônica Gentil Gibson, Rejane Mendonça.

Fantasmas

Acy Gomes, Bruno Faria.

Índias

Célia Regina Costa Reis, Eliane Cancela Duarte, Hilda (Museu), Lia Freitas Leal, Márcia Ladeira, Márcia Milhazes, Márcia Zaíra (filha da Lúgia Santos), Marta Cristina Clemente, Mônica, Sílvia Regina, Suely Sampaio, Vera (Lúgia).

Morcegos

Ecila Ford, Renata Pereira Rego de Magalhães, Rosário Keiderling.

Palhaços

Ana Maria Figueiredo Lobo, Ana Maria Moreira Borges, Ana Maria Rezende Lima, Ana Maria Silvério, Angela Martins Ramalho,

Anesio Dutra, Antonio Mariano P. Gusmão, Arthur Frederico Leite Lopes, Conceição Turchetti, Elizabeth Leite, Guacira Xavier Pereira, Katia A. da Luz, Maria Amélia, Maria Clara Jorge (amiga da Grace), Maria Izabel PennaBuarque de Almeida, Maria Luiza Testa Tambellini, Maria Santos, Mario de Aratãha, mãe da Andrea, Marta Ancora da Luz, Olga Savary, Orlando Ancora da Luz, Pedro Cardoso Sampaio (namorado da Márcia), Rosângela de Almeida, Sebastiana Maria P. Gusmão, Vitória Pamplona.

Pierrôs

Ana Maria Periard, Ana Maria Tavares, Ana Regina, Andréa (Ana Regina), André, Giovanne Rosso Del Brenna, Ivone Cunha Rego, Johanna Sonkin, Marco Antonio Maia, Margareth Rismondo, Marie Diarifat, Marisca Darcy, Rosisca Darcy, Sonia Fassini.

Princesinhas do Inferno

Andrea Lima Campos (estagiária do MVL), Amparo, Maria Helena (amiga da Marta, secretária do MVL).

Rainha do Inferno

Mônica Mangia (Monique).

Rei do Inferno

Bira Dantas.

Vampiros

Paulo Sérgio Duarte (funcionário da Pró-Memória), Michel Schwartzman.

Velhos

Irmão do Paulo (funcionário do Museu), Carlos (guarda do Museu), Janio Paulo, Nelson Goyanna de Carvalho, Porteiro da Sorocaba, Roberto Maculan.

Além das alas que constavam do projeto inicial do SÔDADE do Cordão, houve, no final do cortejo, um grupo *sui generis*. A Comissão organizadora do evento permitiu aos foliões que se apresentaram para desfilar o uso de fantasias próprias, desde que fossem aprovadas pela equipe e não destoassem do espírito do bloco. Desde grupo fizeram parte, entre muitos outros, as seguintes pessoas:

Edna Titó, Eliane Sztajnberg, Miltom Ferreira Titó, Perola Sztajnberg, Antonieta.



Pierrô ao final do desfile.

Introdução

Os cordões de Carnaval – grupos de mascarados, velhos, palhaços, diabos, reis, rainhas, sargento, baianas, índios, morcegos, mortes, etc. – marcaram a infância e a juventude de Heitor Villa-Lobos, cuja relação com a música popular vem dessa época.

Nossa proposta de trazer de volta o Sôdade do Cordão, reconstituído por Villa-Lobos em 1940, é uma forma não só de homenageá-lo mas de reviver uma tradição carnavalesca ingênua, animada, gostosa e desconhecida para os foliões de agora.

Âmbito de Atuação:

A população carioca e muito especialmente a comunidade de Botafogo, através da Associação de Moradores.

Resultados Previstos:

Conhecer, compreender e popularizar Villa-Lobos.

DESENVOLVIMENTO DO DESFILE

1ª parte

Abre-Alas:

“VILLA-LOBOS E O GRUPO CARNAVALESCO SÔDADE DO CORDÃO SAÚDAM O POVO E PEDEM PASSAGEM”

Enredo:

“RECORDAÇÃO DO PASSADO”

Destaque: Palhaço verde e amarelo

Ala de índios e índias tropicalistas que mostram o espírito da coisa, com 3 homens e 9 mulheres.

Alegoria de mão: Chocalho

Baianas: 20

Estandarte: OS CUCUMBIS

Ala de índios caboclos com cerca de 12 figurantes

Alegoria: Arco e Flecha

Ala dos sapos: 8 fantasias com máscaras

Estandarte: VITÓRIA-RÉGIA

Porta-Estandarte

Cacique Mestre-Sala

Estandarte: MÁSCARA DE ÍNDIO ENFURECIDO

10 índios verde e amarelo

Alegoria: Arco e flecha

2ª Parte:

Bateria - sargentos e chitões - 30 figurantes

Músicos - 6

Estandarte: CORDÕES DE VELHOS

6 príncipes, 6 princesas, 6 reis, 10 rainhas, 12 princesinhas do inferno (pastorinhas).

Ala dos diabinhos, com 20 ou 25 (crianças)

Os Disfarces

15 componentes, com figurinos diferenciados

Ala dos Velhos

10 velhos (5 ternos verdes, 5 ternos amarelos: jovens com máscaras)

Cerca de 10 velhos (velhos mesmo)

Estandarte: ANTIGOS CARNAVAIS

Pierrô, Arlequim, Colombina

12 palhaços preto e branco

Palhaços diferentes, coloridos.

Bibliografia

- ALENCAR, Edigar de. *O carnaval carioca através da música* - 2 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- ALMEIDA, Renato. *História da música brasileira*. Rio de Janeiro: Briguier, 1942.
- ALVARENGA, Oneyda. *Música popular brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1950.
- ARAUJO, Mozart de. O Zé Pereira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1965.
- ENEIDA. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo* - v. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- EFEGÊ, Jota. *Ameno Resedá, o bloco que foi escola*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965.
- _____. *Figuras e coisas do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: MEC / Funarte, 1982.
- _____. *Meninos, eu vi*. Rio de Janeiro: MEC / Funarte, 1985.
- LAGO, Mário. *Na rolança do tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- LIRA, Mariza. *Chiquinha Gonzaga; grande compositora popular brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.
- _____. *Brasil sonoro; gêneros e compositores populares*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, [s.d.].
- LOUZADA, Wilson. *Antologia do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.
- PRESENÇA de Villa-Lobos - v. 3 e 4. Rio de Janeiro: MEC / Museu Villa-Lobos, 1969.
- RIO, João do. Elogio do Cordão. *Boletim Social da União Brasileira de Compositores*. Rio de Janeiro, (53): 8-10, 1958.
- SILVA, Maria Augusta F. Machado. Sôdade do Cordão. *Boletim Técnico-Cultural*. Rio de Janeiro, Museu Villa-Lobos, (1): 2-5, jan./mar. 1984.
- VILLA-LOBOS, Heitor. A educação musical. *Boletim Latino-Americano de Musicologia*. Rio de Janeiro, (VI), 1946.

Esta edição de 1.000 exemplares *destina-se única e exclusivamente* à divulgação da obra de Villa-Lobos - nestes 40 anos de sentida ausência - não tendo portanto fins lucrativos.

Este livro foi publicado com apoio da Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB) como parte das comemorações do seu Jubileu de Prata.

Este livro foi impresso em junho de 2000 na Gráfica Editora Lidador, em papel couché matt 120 g. com tipografia ITC Officina Sans BT, com fotolitos produzidos pela Arc Press.